

4520

Biblioteca Civilização

Colecção de pequenos romances  
portuguêses e estrangeiros

# A verdadeira Mãe

POR

Ana de Castro Osorio

1925

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - Editora - Porto



Lo 11  
585

## A verdadeira Mãe

COMPOSTO E IMPRESSO  
na IMPRENSA CIVILIZA-  
ÇÃO - Rua das Oliveiras,  
75, 77 - Porto.

## OBRAS DE ANA DE CASTRO OSORIO

### Romances, Novelas, Teatro

*Infelizes* — esgotado. — *Ambições* (romance) esgotado. — *Quatro Novelas* — esgotado. — *Dias de Festa*. — *A Verdadeira Mãe* (novela). — *O direito da Mãe* (novela). — *Mundo Novo* — (romance) a sair. — *Bem Prega Frei Thomaz* — teatro. — *Historias de Familia* — a sair. — *O Triunfo de viver* (novela) — a sair.

### Questões Sociais

*As Mulheres Portuguesas*. — *Festas Infantis* — 2.<sup>a</sup> Edição. — *Instrução e Educação*. — *A Mulher no Casamento e no Divorcio* — esgotado. — *A Mulher na Agricultura*. — *Em Tempo de Guerra* — 2.<sup>a</sup> Edição. — *A Grande Aliança*: — A mulher de Portugal e do Brasil — O idealismo da raça — O urbanismo — As pequenas industrias regionaes portuguezas — O novo idealismo da raça atravez da moderna poesia portuguesa — *As mulheres portuguezas*. — *As Pequenas Industrias Regionaes* (Bordados, Rendas e Tecidos, Sericicultura) a sair.

### Obras Educativas e de Literatura Infantil

*A Minha Patria* — 10.<sup>o</sup> milhar. — *Uma Lição da Historia* — 2.<sup>a</sup> Edição — 21.<sup>o</sup> milhar. — *Os Nossos Amigos* — 4.<sup>a</sup> Edição — 45.<sup>o</sup> milhar. — *Lendo e Aprendendo* — 3.<sup>a</sup> Edição — 13.<sup>o</sup> milhar. — *Alma Infantil* — 2.<sup>a</sup> Edição — 5.<sup>o</sup> milhar. — *Boas Crianças* — 3.<sup>a</sup> Edição — 15.<sup>o</sup> milhar. — *Os Animais* — 2.<sup>a</sup> Edição — 10.<sup>o</sup> milhar. — *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda* — 2 volumes — 3.<sup>o</sup> milhar: — *De como Portugal foi chamado á guerra* — 2.<sup>a</sup> Edição — 4.<sup>o</sup> milhar. — *O Livro Encantador* — 3.<sup>a</sup> Edição — 9.<sup>o</sup> milhar. — *Contos Tradicionais Portuguezes* — 10 volumes em 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> Edição — a sair novas edições. — *Rimas de Maria-a-Bandeira* — Ilustrado por Leal da Camara — a sair.

ref: 159. *maio 2020.*  
**Biblioteca Civilização**

Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros

8

8

*21* *2*  
*Shil,* *25.*  
IV

24981

# A verdadeira Mãe

NOVELA

POR

ANA de CASTRO OSORIO



1925

LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO-EDITORA  
Américo Fraga Lamares & C.<sup>ª</sup>, Lda  
75, Rua das Oliveiras, 77  
Pôrto

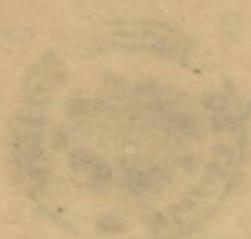
Biblioteca Civilizadora

Impressão de ...

*Handwritten signature or initials*

21881

A - Verbo de ...



ANA DE CASTRO OSORIO

...

...

...

...





A chegada do Dr. Fernando da Gama, anunciada telegraficamente, trouxera mais movimento á casa e dera mais alegria á familia do que, verdadeiramente, o casamento de Laurinha a que vinha assistir.

Este, era um acontecimento tão desejado e tão longamente esperado e, por vezes, tão desesperado na sua realisação sempre adiada, que ao chegar o momento de fazer-se, a sensação era em todos de cansaço mais que de triunfo.

Até á vespera estavam na duvida sobre a vinda do irmão, que fôra convidado para padrinho, porque até á ultima hora os seus clientes o solicitavam em doenças graves, que não podia facilmente abandonar; mas tantos tinham sido os rogos e tão insistentemente manifestado, atravez das cartas de Mariana, o desejo da velha mãe, que sempre se resolvera a vir, numa fugida que lhe dava um bem real e merecido prazer.

Desde manhã que a azafama começara em casa, com as ultimas esfregações e limpezas, sob o vigilante desembaraço de Mariana, que em tudo punha a mão e tudo fazia, afastando des-

presativamente os possíveis auxílios das outras pessoas, que não faziam nada a seu gosto.

A velha casa de família, apertada entre as ruas estreitas da cidade provinciana onde nasceu e se criara o moço e já afamado médico, desafogava-se para traz num jardim todo florido a madresilvas e a rosas, com largo horizonte sobre a Serra. Para traz eram os quartos, abrindo para a soalheira do Sul e a varanda envidraçada que era o maior cuidado e encanto de D. Maria Tereza, que fizera dela a sua estufa de plantas mimosas, emprestadas com desvanecimento para ornamentar as salas nos grandes dias de festa.

A casa, com esse desafogo, conseguia um ar campezino e repousado, que afastava a família da convivência malevola da vizinhança, sempre curiosa e faladora.

Nesse dia, porém, toda aberta sobre a rua estreita, a principal em comércio e vida elegante da cidade, tomara um ar de festa, como outrora sucedia, nas grandes solenidades do ano, na Páscoa, por exemplo, quando o velho prior entrava a pedir o foliar e abençoar os paroquianos, lavados de toda a culpa pela desobriga quaresmal e orgulhosos de receberem nas suas casas a visita do Senhor, como a tinham recebido, em testemunho de paz, seus pais e avós, num recolhimento digno de família de estimação.

Também nesse dia, graças á iniciativa de

Mariana, que despachara todos os portadores a geito, o pateo, calçado á moda antiga com pedrinhas miudas em vagos desenhos geométricos, estava atapetado de juncos e rosmaninhos, ressendendo como uma igreja em festa. E a velha escada de pedra até ao primeiro lanço com os degraus polidos de tantas e tantas gerações que os haviam subido e descido, tinha um ar muito festivo com os grandes vasos de aspidistas, orgulho da velha mãe. Eram afamados em toda a cidade aqueles vasos ornamentaes, que a pedido do Snr. Prior muitas vezes figuravam nas grandes festas da paróquia, e lhe absorviam em seu cultivo todos os cuidados e momentos de lazer, que alguns eram, apesar do muito que ainda trabalhava nos serviços caseiros, porque mêses, e até anos, se passavam sem sahir daquelas quatro paredes, a não ser para a missa conventual, a primeira, logo ao alvorecer do dia, que era a do Cura, que desempenhando outras obrigações precisava despachar-se a horas, ali a dois passos no altar-mór da Sé.

A casa toda irradiava nesse dia um ar festivo que dava prazer. A sala de visitas, raramente aberta, fora limpa a preceito; tirados das paredes os quatro grandes quadros em litografia, de côres esmorecidas, representando as Estações com meninas em atitudes piegas; escovada a mobilia estofada com repes verde; lavadas e engomadas as cortinas de renda, bem apanhadas nas braçadeiras seguras nos suportes

doirados; brunido o espelho com panos embebidos em alcool; lavados os marmores da jardineira e das *etajéres*, que ficavam como novas. Não houve jarra que não fosse lavada e cheia de flores frescas, estatueta de velha loiça da Vista-Alegre que não voltasse ao seu lugar depois de limpa, bugiganga que não tivesse passado pelas mãos das donas para o sitio que lhe era destinado.

Quando estavam nesta importante tarefa, que fora deixada propositadamente para o ultimo dia, porque tudo se tornaria a sujar, sem essa precaução, antes da festa, Mariana teve um desabafo, olhando para Laurinha, que dava o ultimo toque no arranjo das flores.

— Até que enfim, vais casar!...

— É verdade! Já não era sem tempo!... — respondeu a outra com o ar desprendido de quem se julga crédora de todos os beneficios da sorte.

— Ainda me parece mentira!... E sem os vêr de volta da Igreja não digo nada!...

— Que asneira! Parece que duvidavas dos sentimentos do Ricardo?!...

— Não dos seus sentimentos, mas da sua coragem para resistir á vontade da familia, isso duvidei muitas vezes!...

— Parece impossivel! Pois eu não! Nunca duvidei, porque o Ricardo não era capaz de fugir ao prometido.

— Ora!... Este adiar continuo era demais!...

— Mas como poderíamos casar se ele não tinha emprego e eu não tenho dote?!...

— Dote?!... Era o que faltava, que exigisse dote! Quando te procurou bem sabia que o nosso pai não era rico... Não teve quem lhe deixasse uma fortuna, sem trabalho, como o dele!

— Eu não digo que não, mas a verdade é que somos noivas sem dote, o que torna difíceis os casamentos hoje em dia...

— Cá por mim dispenso! Tal como sou, é pegar ou largar.

— Tu falas bem!... Assim é que devia ser, mas a verdade é que os pais deviam olhar mais pelo futuro das filhas e tornarem-nas independentes, como fazem aos rapazes. Sem dote só por milagre se casa hoje uma rapariga...

— Que grande perda!... Cá por mim, os noivos não me fazem falta. Tive sempre muito que fazer e que pensar para me ralar com essas frioleiras.

— Frioleiras?!... Então o casamento é alguma frioleira?!

— O casamento não é, mas os namoros é passa-tempo de quem não sabe o que ha de fazer.

— Então queres negar o Amor?!...

— Ora, o Amor!... O Amor é uma coisa sagrada que não devia andar pela bôca de tantos idiotas. Amor, Amor! Isso é o que nós temos aos nossos e a Deus.

— Então, se não acreditas no Amor nem te

importas com os casamentos, mais uma razão para confessares que os pais andam mal em não darem ás filhas os meios de vida independente, que dão aos rapazes.

— Ora!... Independente é toda a pessoa que estima mais o trabalho do que as suas vaidades...

— Parece que te referes a mim!...

— Se queres pôr a carapuça, está ao teu dispor, mas não a talhei para a tua cabeça. Ha muita gente tola por esse mundo.

— Então queres negar que uma rapariga sem dote difficilmente encontra marido?!...

— Nego, sim; vê o Fernando se procurou o dote na mulher, que tão bem soube escolher?!...

— Mas a Margarida tem um grande dote na sua profissão. Em todas as cartas ele diz o que lhe tem facilitado o trabalho a cooperação da mulher.

— Está claro! O melhor dote que uma mulher pode ter é o trabalho... — respondeu já azedada Mariana, que punha em todos os gestos um esforço contido no seu genio arrebatado. — Talvez te pareça que o pai tem feito pouco, criando-nos e mantendo-nos na posição em que sempre temos vivido?!...

— Não digo menos disso! Mas emfim, nesta historia do meu casamento o que fizeram ao tarde podiam ter feito mais cedo. Se a mãe tivesse querido teimar, tinha convencido o pai, ha muito tempo, a deixar-nos ficar em casa!...

— A mãe fez o que poude. Ainda tens bôca

para te queixares?! Se não fosse ela, que pela mansa tudo vai conseguindo, havia de ser bom!... Pobre mãe, que bem amargurada tem passado a vida!...

— Bom, bom!... Começam as recriminações. É isto! Não posso ter um dia de alegria completa. Bem basta a minha desgraça, senão ainda ter que ouvir os lamentos dos outros!...

— E num arremesso de criança mimenta assentou-se no sofá a chorar.

— Ainda por cima?! Mais valera que tivesses juízo e te calasses!... A tua desgraça?! Até dá vontade de rir! Porventura te falta alguma coisa?! — respondeu Mariana, já um pouco quebrada na violência das suas respostas, ante as lágrimas da irmãsinha.

— Cuidas que me dá muita satisfação este casamento, ficando aqui na dependencia dos pais?!...

— Então a casa dos pais não é a nossa casa? A dos maridos é que não é, não!...

— Mas os pais não são ricos e sempre são mais duas pessoas a comer!...

— Duas não, é só uma, porque tu, casada ou solteira, és a mesma filha. Mas deixa, que ninguém refertará o que comerem!...

— Pois sim, sim!... Mas a gente sonha sempre em ter a sua casa propria, em ser a dona do seu cantinho só seu!... Isto assim nem é casar!...

Como para dominar a violencia das res-

postas, Mariana redobrou do desembaraço nos arranjos da casa, mas pouco a pouco, vendo que a irmã não deixava de choramingar veio para ela, entre zangada e carinhosa :

— Bem, bem, Laurinha! Não questionemos neste dia de tanto regosijo. Desculpa as minhas palavras; mas é que tu és injusta para os nossos pobres pais! Olha que haverá poucos como eles. Vê os do Ricardo, tão ricos, e nem enxoval lhe deram!...

— Mas se eles não queriam que o filho casasse comigo, já vêes que haviam de fazer o possível por dificultar o casamento. E fazer tudo para o aproximar da prima!...

— Figurões de palha! Talvez a nossa geração de gente honrada desmerecesse da sua pro-sapia de novos ricos!...

— Não era por isso — respondeu Laura impaciente, concertando os caracois loiros que tinham ficado um pouco desmanchados com a crise de lagrimas.

— Eles não são de tolices de familia!...

— Nem tinham que ser! Toda a gente lhes conhece a geração. Ainda eu me lembra do pai a bater folha na loja de funileiro na rua Direita...

— Pois ninguem diz menos disso, mas hoje são os mais ricos industriais da cidade...

— Que lhes faça bom proveito.

— Bom! Mas tu comprehendes que o casamento com a prima Alda reunia nas mãos do Ricardo toda a fortuna do tio.

— Custou-lhes muito a ganhar, essa tal fortuna, que os incha tanto!...

— Eu acho que eles não são orgulhosos!...

— Não são pouco! Arrotam cada posta de pescada!

— Tu também lhes tens uma quisilia!

— Não, isso lá, quisilia particular não lhes tenho nenhuma, basta lembrar-me da Angela, coitadinha! que tão nossa amiga era!...

— Se não fosse ela nem se resolvia tão depressa esta questão!...

— É isso que me faz raiva! Gente que não era nada e lá porque herdaram fortuna já se fazem de manto de seda!... E uma fortuna que não lhes custou nada a ganhar!... O pobre tio Cipriano por lá se abrasou nos calores da Africa para os fazer fidalgos da ultima hora!...

— O mundo é assim mesmo!...

— Achas isso muito bem?! Pois olha, se hoje gosam fortuna ao nosso pai a devem, que o Cipriano andava por ahí escorraçado de todos e nem a familia fazia caso dele. Para embarcar foi o nosso pai que lhe serviu de fiador.

— Então!... A sorte é de quem a tem!

— O nosso pai, coitado, é que não teve nunca quem lhe desse a mão; só encontrou traidores no seu caminho. Também podíamos hoje estar ricos se não se deixasse iludir pelos amigos, abandonando a fabrica, que eles depois de o pôrem fóra fizeram então render!

— A ideia foi dele, mas os outros é que ganharam!...

— Os socios ficaram ricos e nós sempre na modestia da nossa pobreza. Mas tambem — graças a Deus! — com esse pouco temos vivido e se educou o Fernando, que é a honra da nossa terra. Não somos ricos mas temos passado sem vergonha de ninguem. Se não fosse!...

— O quê?... — perguntou Laurinha sobresaltada.

— Nada, nada!...

— Acaba, acaba!... Se não fosse eu, que envergonhei a familia, é melhor seres franca!...

— Pois é assim mesmo, está acabado!... — aventou a outra num repelão de mau genio.

Então foi um renovamento de choro, uma crise de soluços entrecortando as frases lamentosas:

— Eu é que sou a vergonha da casa, eu é que sou a ovelha ranhosa!... Gosto de ouvir falar certos orgulhos!... Como se a nodoa não caísse no melhor pano!...

No fundo, Mariana estava arrependida de ter dito tanto, mas agora já não havia possibilidade de recuar, sob pena de perder a sua autoridade de mais velha ante o mimo da irmãsinha mais nova, que fora desde criança o seu disvêlo e o seu orgulho de mulher energica e laboriosa. Laura, a ultima depois duma sequencia de mortos á nascença ou de poucos meses, resistira por milagre, já quando ela tinha dez anos. Para des-

cançar a mãe tomara o encargo da pequenina, que ficara sendo o seu brinquedo, a razão mais forte da sua existencia, nessa maternidade precoce, roubada ás bonecas.

Dera-lhe todo o seu carinho, fizera dela o seu orgulho e a sua alegria e agora, azedada pela vida, raro era o dia em que não sentia erguer-se contra a sua ternura desvelada o egoismo duma existencia que reclamava os seus direitos á vida autónoma.

Sem o querer mostrar, Mariana sofria mais ainda do que Laurinha, apesar das suas lagrimas, os extremos de linguagem a que a disputa as levava e que lhe sahiam da boca mais do que vinham do coração, sempre pronto para os sacrificios maiores.

Por felicidade D. Maria Tereza veio quebrar a má impressão da conversa, entrando serenamente, sem dar atenção á atitude embaraçada das filhas.

— Então vocês ainda aqui estão? — perguntou com a sua bonhomia do costume. — Olhem que já é muito tarde! O pai já foi para a estação esperar o Fernandinho e é preciso que o jantar esteja pronto quando chegarem. Ha-de vir com muita fraqueza, coitado! É uma viagem tão grande!...

— Ha muito tempo!... — respondeu sacudida, Mariana.

— Ora ha tempo, ha tempo!... Vocês são as das ultimas horas. Ainda nem estão vestidas!...

— Vestimo-nos depois para o jantar. Isto aqui está pronto — respondeu Laurinha, disfarçada e conciliadora. — Só falta acabar de pôr a mēsa.

— A mēsa já está posta. Se queres vai-te já arranjar.

— E tu não te vestes? Olha que depois faz-se muito tarde. O relógio não espera pelos teus vagares.

— Por isso as coisas se não fazem!...

— Bom, bom, não te zangues! Não se te pode dizer nada que logo te assomas. Mas que genio de rapariga!...

— Deixe! Cada qual é como Deus o fez.

Já desanuviada, Laurinha desviou a conversa:

— O Ricardo tambem já foi ha tanto tempo para a estação! Bem lhe disse que ia esperar muito, mas estava inquieto por abraçar o Fernando!...

— Oxalá que ele não venha muito fatigado, porque amanhã vai ser um dia de confusão e não poderá dormir até deshoras, como gostava de fazer, quando vinha a ferias!...

— Ha quanto tempo isso lá vai!...

— Coitado! Como estará mudado! Um velho, se calhar, lá em lutas e trabalhos por essa capital, onde ha tanta perdição!

— Ha-de ser isso! A mãe imagina que Lisboa é alguma Gomorra? Pois o ultimo retrato mostra que se não tem dado muito mal por lá!...

— E ha quantos anos o não vemos! — comentou docemente Laurinha.

— Ha oito; desde que terminou o curso. Por lá se casou e nem sequer conhecemos a mulher.

— Tambem tem sido demais! . . .

— Parece impossivel como o tempo passa sem a gente dar por isso! . . . Oito anos não são oito dias! . . . — E num desvio brusco da conversa, interrogou: — O pai do Ricardo não vem assistir ao casamento civil?

Estremecendo ligeiramente, Laura respondeu, desculpando:

— Não sei se poderá. É a hora da entrada do pessoal na fabrica . . .

— Por um dia que não assista lá deixa perder a casa dos bicos . . . — comentou do fundo da sala, onde dava a ultima volta aos arranjos, a voz mal humorada de Mariana.

Laurinha encolheu os ombros, sorrindo para D. Maria Tereza, que fez com a mão um gesto de quem pede para não dar resposta.

— Á igreja é que vai a mãe e a prima . . .

O ruído dum carro que parou na rua chamou as três senhoras á janela da qual sahiram logo a correr dirigindo-se alvoroçadamente para a escada, a esperar o viajante.

De facto o medico subia a quatro e quatro os ultimos degraus, colhendo-as todas três no mesmo abraço e beijando-as expansivamente.

— Suas preguiçosas, suas ingratas, que não quizeram ir esperar-me á estação! . . .

— Desculpa, desculpa!... Havia tanto que fazer!... — respondeu a mãe, tomando a serio as brincadeiras do filho.

Na sala, rodeado por toda a familia, cada qual dizia sua coisa, perguntava e informava numa algazarra alegre, que punha animação em toda a casa, habitualmente silenciosa e calma.

— Então a viagem, foi boa? — inquiriu Mariana.

— Podia ser melhor, mãesinha rabujenta — respondeu abraçando mais uma vez a irmã, por quem tinha uma ternura muito especial e muito intima, desde a primeira infancia, vivendo quasi geminados na pequena diferença de um ano que os separava em idade. — Foi uma viagem cheia de incidentes: descarrilamentos, transbordos, assaltos á mão armada... Uma verdadeira fita á americana pelo grande deserto do país...

— Nem tiveste tempo de te aborrecer — sorriu, com o seu ar radiante e bom rapaz, o futuro cunhado.

— Pois não! Uma viagem maravilhosa que Conan Doyle teria aproveitado para um romance de espantar o mundo. Hei-de escrevê-la para os jornaes...

— Ó filho, lá vens tu com a mania das gazetas!... Ainda te não passou essa paixão?!... Acabadas fossem elas, que são mesmo os almoceves das petas. Bem basta o teu pai, sempre agarrado ás folhas, sempre a bramar por causa da maldita politica!... Já tu vens a falar em

escrever para eles!... Não estás emendado, não!  
Nem por seres já pai de filhos!...

— De filhas, de filhas!

— Deixa-a falar, — intrometeu-se na conversa o velho pai, radiante com a chegada do filho, arrumando cuidadosamente a mala e a manta de viagem, que o moço lhe entregara ao cimo da escada. — Ela é que se não cansa de ralhar contra os pobres jornaes, que não lhe fazem mal nenhum!...

— Ó mãesinha, os jornaes são a ultima superstição da humanidade. Quando essa acabar temos de inventar outra coisa peor.

E sorrindo para os amigos que o tinham ido esperar e iam chegando, em outros carros:

— Mas de facto, a mãe tem razão, chega a ser mania. Vejam isto! — E metendo as mãos nas algibeiras do casaco tirava jornaes de todos os nomes e tamanhos.

— Durante a viagem ia comprando os que apareciam e muitos nem tive paciencia de os ler. Pegue lá, mãesinha!... Emquanto cá estiver!... Ia prometer que os não lia, mas não tenho a certeza de cumprir a palavra!...

— Não prometas, é melhor! — sorriu o futuro cunhado. — Olha que não poderias cumprir e tinhas de jurar falso.

— Mas a mãe guarde esses como principio de regeneração, prometo não os ler!...

— Dá-os cá! São para vender a peso!

— Bem empregados!

Sem perder a continuidade nas suas obrigações, Mariana vigiava a acomodação da bagagem no quarto do irmão e, no meio da animação e alegria geral, veio chamar a família á realidade do jantar, que não podia esperar muito.

—Tens razão, como sempre, na tua qualidade de ministro do Interior—disse Fernando abraçando a irmã.—E eu preciso de me lavar e escovar; estou sujissimo! Os comboios andam imundos!

—O teu quarto é o mesmo de dantes...

—O do limoeiro?...

—Parece-me que não hade lá faltar nada!...  
—acrescentou a mãe, sorrindo desvanecida.

—A Inácia já levou as tuas malas...

—E onde está essa velha Inácia que ainda me não veio dar as boas vindas?!

Já a velhota vinha buscar a maleta e o rolo da manta, quando o medico a colheu nos braços alegremente:—Então você não me veio receber, sua marôta!...

—Olha agora, o menino! Então não lhe falei logo lá em baixo na porta?!...

—Pois sim, pois sim!... Eu não te vi!...

—Vinha tão doidinho, tão desalvorado como dantes, quando chegava a ferias!...

E a velhota toda se desvanecia com a ternura carinhosa do seu menino, que ajudara a criar como um filho.

Os amigos despediam-se, prometendo voltar á noite em resposta aos amaveis convites da fa-

milia e em breve, sob a direcção autoritaria de Mariana, a ordem estabeleceu-se e cada um foi ao que lhe cumpria, acompanhando o irmão ao seu aposento para se arranjar.

Ao entrar no velho quarto de solteiro, Fernando sentiu uma alegria quasi infantil. Olhava, sorrindo, as paredes forradas a papel com florinhas soltas e um ar antigo, a que dava um conjunto muito ingenuo e agradavel a chita do mesmo padrão, que forrava os moveis e cahia nas cortinas da janela.

E era ainda a mesma essa janela, com seus assentos de pedra cobertos com um esteirõesinho, os seus caixilhos de vidros miudos abrindo em guilhotina, debruçada sobre o velho limoeiro que fora tantas vezes o seu cumplice para fugir de noite á vigilancia materna. Tambem a boa arvore ali estava, como se aqueles oito anos de ausencia fossem oito dias, estendendo os braços carregados de frutos de oiro á ternura das suas recordações.

De facto não faltava ali nada, como dissera a mãe, do que rodeara a sua infancia e testemunhara a alegria da sua mocidade fórte e bem equilibrada.

E sem o poder evitar, surpreendeu-se numa comoção, que não esperava, ante o passado que o retomava naquele ambiente limitado em que a sua vida anterior se lhe apossava da alma, como se os ultimos anos de luta e de trabalho, com preocupações mais altas e espiritualmente mais

belas, não fossem senão um sonho passageiro e a realidade só essa, só o carinho das pessoas e das coisas que tinham acompanhado a sua infância e assistido ao inteligente despertar da sua alma consciente.

## II

Ainda cedo, já Mariana batia discretamente á porta do quarto do irmão, levando-lhe numa bandeja bem disposta com o seu pano rendado, a chicara para o café, a cafeteira, a leiteira, os bolos feitos pela sua mão, como outrora fazia nas manhãs consoladoras de ferias.

Ao contrario do que esperava encontrou-o já a pé, de janela escancarada sobre o jardim, donde vinha um ar fino, leve e perfumado, que lhe dilatava o peito num grande prazer de vida fisica.

Em mangas de camisa abrira as malas e sentia-se feliz arrumando a roupa e os utensilios de *toilette* nas gavetas e sobre o marmore do lavatorio e a comoda, como se estivesse organizando uma instalação definitiva para largo tempo. Os livros na estante envernizada a preto, que fora a sua companheira dos anos de Coimbra, já estavam cuidadosamente alinhados e postos pela ordem, que a limpeza exterior de Mariana baralhara um pouco.

Foi uma explosão de surpresa e de alegria em que os dois irmãos se encontravam unidos no mesmo sentir, absorvidos no mesmo ambiente em que tantos anos tinham vivido juntos.

—Bravo, que madrugador! Julgava que te vinha acordar do primeiro sôno!... —sorria Mariana, radiante da sua felicidade, colocando a bandeja sobre uma pequena mesa de pé de galo, que arrastou para junto da janela.

—Acordei logo que o sol bateu na vidraça, como no «Conde de Alemanha»... que nos recitava a avó Francisca.

—Tem graça como ainda te lembras!... Pois olha, eu não me recordo nada dessas coisas de criança. A vida está tão aborrecida, que até embota a memória!... Não te demores, que o café frio não dá gosto nem saúde.

E ia preparando a chicara com as doses que outrora eram já do seu conhecimento para o gosto do irmão, enquanto ele lavava a cara num grande esbanjamento de agua, com largos gestos satisfeitos.

—Lá tomar o café com os olhos do sôno não vai nada, deixa-me dar um ar de graça á cabeleira...

Deante do toucador de embutidos de madeira e um velho espelho manchado pelos anos, passava o pente pelos cabelos negros e fartos, descobrindo uma linda testa alta e cheia de intelligencia.

—Deixa lá o penteado, já tens uma volta demais. Ora o vaidoso! És capaz de gastar o aço ao espelho... Para tomares o café já chega, depois te arranjas a preceito.

—Sim, o que tu queres é que pareça feio!..

—Pois! Já agradaste a quem tinhas de agradar.

—É o que tu julgas — dizia rindo e beijando a irmã e assentando-se á mesa com uma grande e ingenua satisfação.—Tenho muito quem olhe para mim...

—Hade ser gente fresca, a olharem para um homem casado! São mais tolos os homens!...

—Pois são, mas não eu!... —E rindo muito ia descobrindo os bolos:—Olha as minhas ricas estrelinhas! Nunca mais comi esta maravilha! Até já me tinha esquecido do seu gosto.

—Aqui tens tambem umas raivas e meia duzia de brôas que guardei para ti...

—São das que mandaste no Natal?! Que esplendidas!

—Pois são, isto dura meses bem guardadas nas caixas de folha. E a tua mulher e as pequenas tambem gostam?!...

—Ora se gostam! É uma festa quando chegam, mas eu é que as guardo e dou com conta, peso e medida.

Riam ambos divertidos como crianças naquelas ferias que o acaso proporcionava á vida cheia de preocupações que os ia envelhecendo.

—Foi pena a tua mulher não vir tambem com as pequenas!...

—Pois foi! Já esta manhã pensei nisso mesmo e estou arrependido de as não ter trazido!...

—Assim nem elas criam amor á familia...

—Não cuides isso! A Margarida é uma ra-

pariga cheia de qualidades e pelo muito amor que me tem a sua ternura alarga-se por tudo quanto me pertence!...

— Pois sim, mas não é a mesma coisa! Ainda ela, vá, que é mulher e tem intelligencia para pensar e comprehender as coisas. Agora as crianças, que só se apegam ao que sentem e vivem por si proprias!

— Isso é uma observação justa. Sem seres uma sabia o teu sentimento fez-te encontrar a verdade que os pedagogos já timidamente vão enunciando. Agora desde que as pequenas vão crescendo, vou-me interessando muito pelos estudos pedagogicos e vejo que tens razão!...

— Eu não entendo nada desses estudos, o que te digo é o que a minha fraca intelligencia me ensina. As crianças, por mais que lhes falem em nós não podem sentir nenhuma ternura pela familia e pela casa que não conhecem... Se tu amanhã faltasses, o que nem por sombras quero sonhar, ficavam como estranhas para nós, nem uma recordação, nem uma saudade que as ligasse ao passado do pai!... Era o nosso sangue perdido para a familia. Amanhã casam, seguem outro destino, ligam-se a outras familias e, nós, o que ficamos para elas?!...

— Tens razão, Mariana! A tua alma simples e sincera faz-me comprehender em duas palavras o que vagamente andava na minha consciencia... Tem sido uma grande falta a minha! A vida apanha-nos brutalmente na sua luta de cada hora e

nem nos dá tempo de pensar e de examinarmos os nossos próprios sentimentos... Ao voltar de novo junto de vós, ao entrar nesta casa que me viu nascer e crescer é que sinto bem o afastamento em que me conservei!...

— Foi demais, oito anos sem vires ver a família! Parece que foste para o Brasil ou para a Africa!...

— E olha que a luta não é menor nem menos aspera para se conseguir triunfar em Lisbôa! A Margarida tem-me ajudado heroicamente. Agora, felizmente, vamos entrando no goso do trabalho já feito...

— Pois é tempo então de mudares um pouco de vida e ligares a tua nova família áquela donde sahiste!...

— Pois sim, Mariana! Olha, para começar, tu vais agora comigo...

— Isso não sei! Faço aqui muita falta!

— Deixa lá! Que se aguentem. O que não ha, escusa-se. Demais, fica a Laurinha nas suas novas funções de mulher casada.

— Sim, mas bem vês que o trabalho é muito!...

— Olha lá: e se tu casasses e sahisses daqui, não passavam sem ti? Não ha ninguem indispensavel, tudo tem remedio, menos a morte. Não é assim, que dizia a avó Francisca?...

— Era, era!... Como tu te lembras dela, coitadinha!... Tambem tens razão, eras o seu predilecto. Tudo que dizias tinha graça e quanto fazias era bem feito!...

— E ás vezes não era!... Pobre avósinha! Mas queres crêr que só agora é que me veem á memoria? Parece que todas estas coisas viviam pegadas a estas paredes, estavam no ar que respiro, veem de vós todas!... É uma força que me atrai e me prende ao passado, de que andava tão alheado que só vagamenté lhe sentia o encanto!... Quando me mandaste dizer que a avósinha morrera e durante a doença falara em mim, senti muita pena e talvez um pouco de remorso, depois... as preocupações da minha vida fizeram-me esquecer-la, quasi!

— Pois não o devias fazer, porque foste o seu *ai-Jesus!*...

— Mas não era por falta de amor que lhe tinha, que vos tinha a todos... Bem sabes que não era isso! Era um adormecimento da memoria cansada pelas preocupações de cada momento, pelas proprias distracções e alegrias duma vida intensa e completamente diversa da anterior... Logo que cheguei, todo o encanto do passado reviveu em mim!... Juro-te que heide trazer agora as minhas filhas para que se liguem para sempre á tradição do meu sangue. Assim, fica combinado! Tu vais agora comigo e voltas com as pequenas em elas estando afeitas a ti. Depois, nas ferias, venho com a Margarida passar um mês, em vez de irmos para a maçada do Estoril. Será o inicio duma nova vida.

— Não sei, filho, não sei se poderá ser!...— repetia Mariana arranjando a bandeja para le-

var, já inquieta com os afazeres da casa. — Não prometo!

— Não ha que repontar. Assim é que hade ser! Todos vocês teem obrigação de me auxiliar de modo a que a vida das pequenas seja aquilo que é natural e logico que seja, a sequencia da nossa propria alma, a continuidade da nossa propria vida, não só fisica como moralmente.

— Teem a familia da mãe...

— A Margarida não tem familia, só a irmã mais velha que vive connosco. O resto são plantas sem raizes...

— Gente da cidade, já se vê. Cada um vai para seu lado, segue o seu destino...

— Teem as suas ambições e os seus interesses e não se ligam uns aos outros. Passam-se meses que nem vejo o meu sogro nem os meus cunhados. Só nos procuram quando estão doentes.

— Pois é! Quando falta a mãe logo a familia se desliga... E então a Margarida, que era tão criança quando ficou orfã!

— A irmã foi para ela o que tu tens sido para a Laurinha, coitada! É bôa rapariga! Só o que sofreu ao pai e aos loucos dos irmãos! Agora já vão estando mais socegados. Mas como estou convencido que tudo o que succede é o que deve succeder, no fundo sinto-me feliz porque as coisas se passaram desta forma. Assim, a Margarida só me tem a mim como verdadeira familia.

— Coitada! deve ser muito triste não nos sentirmos presos aos nossos!...

— Mas para ela somos nós a sua verdadeira família. Ha muitos casos como o nosso, e para o meu feitiço era o melhor que podia acontecer. Não tenho geito para me ligar ás famílias alheias. Para mim, a Margarida é como aquelas princezas infelizes dos contos de fadas que a avósinha nos dizia, lembra-te? « Uma linda menina abandonada na floresta pelos criados piedosos, que levavam a linguinha dum câosito magico para acalmar a furia malvada dos pais! »

— Coitada!... — respondeu rindo Mariana.  
— Oxalá que nunca a faças arrepender da sua dedicação.

— Não espero isso! Vais ver como é bôa e serena e hasde gostar dela!

— Já gosto, basta fazer-te feliz.

— Não calculas, fala de vocês todos, como se os conhecesse e conta as nossas historias de criança, como se tivesse brincado comnosco.

— Então em cá vindo é que hade gostar!...

— Até me pediu que lhe levasse noticias da espada do nosso avô, que era capitão da guarda nacional e que era o meu gladio victorioso nas nossas cavalhadas, lembra-te?...

— Ora, ora, ora!... O que tu foste contar á rapariga! Imagina que nós eramos doidos.

— Olha que pouco nos faltava, Mariana! O que nós fizemos nesse jardim e as partidas aos vizinhos!... Quando a mãe nos encontrou um dia com a facha vermelha que tu foste bus-

car ao gavetão das sedas, com a borla e as charlateiras e a espada do avô!...

— Se não fosse a avósinha, nessa tarde apanhávamos castigo!...

— Como tudo vai longe... e parece que foi ontem!

— Ouves?... Lá anda a mãe a chamar por mim. Em faltando um momento parece que a vida pára nesta casa...

— É o mal de quem se torna indispensavel — respondeu Fernando levantando-se e abrindo a porta. — Está aqui, mãe, está aqui! — gritou para fora.

— Pois é — dizia a mãe entrando no quarto — pois é! Os meninos aqui a parolar e o serviço todo em alvoroço, num dia de tanta labuta.

Fernando tomava a velhinha nos braços e enchia-a de carinhos para que não ralhasse, enquanto Mariana saía a rir com a bandeja do primeiro almoço.

Agora era D. Maria Tereza que se esquecia no quarto, contando coisas passadas, perguntando outras, reapossando-se desse querido filho que em oito anos de ausencia nunca deixara de viver na sua alma e na sua saudade.

Atraz dela veio o pai, já meio preparado para a cerimonia do casamento civil, com um velho casaco de alpaca sobre as calças e o colete preto da cerimonia, a gravata bem posta sobre o brilho da camisa engomada.

Ambos se sentiam bem pagos de todos os

sacrifícios e de todas as lutas nesse dia glorioso em que de novo viam ali o filho, medico afamado, senhor dum nome que illustrava a familia e até a terra onde nascera.

Domingos José da Gama, com o seu aspecto austero de *homem bom*, á antiga portuguesa, fôra sempre, adentro do seu lar, a autoridade indiscutivel e definitiva. Toda a vida das crianças se passara á margem da sua convivencia, na cumplicidade carinhosa das senhoras, furtando-se ao rigor da sua vigilancia, que não admitia camaradagem, nem confiança.

Hoje, era já outra coisa; a propria vida lhe fora amaciando as arestas do genio e era comodamente que se sentia acarinhado, e como protegido, pelo affecto irmanado do medico.

Nos seus olhos brilhavam as lagrimas, que a custo queria reprimir para se não mostrar fraco diante da mulher, que francamente dava largas á ternura, como vida que transbordava em pranto de alegria, beijando e abraçando o filho. E para disfarçar ralhava com ela, com o seu ar digno de conselheiro, as suissas muito brancas e cuidadas, o cabelo a rarear nas fontes, as lunetas cavalgadas no nariz, para ler o jornal, que trouxera na mão.

— Deixe, pai! Para que havemos de fingir que não nos comovemos?! Ha tão poucos momentos destes na vida!...

A conversa prolongava-se por tal forma que foi necessario que Mariana voltasse ao quarto,

fingindo-se zangada, mandando-os sair para que o irmão pudesse ficar só e se arranjasse a horas de assistir ao contracto do casamento, marcado em casa para o meio dia.

### III

Ricardo e Laurinha depois da cerimonia do registo mostravam-se felizes, como se finalmente se sentissem desoprimidos duma angustia que lhes perturbava todas as pequenas e grandes alegrias da existencia.

Afastados de todos, os seus olhos mergulhavam docemente uns nos outros e as mãos tremulas premiam-se com uma infinita ternura.

— O teu pai foi muito bom em vir assistir ao casamento civil!... — murmurava Laurinha na irradiante felicidade que a enchia de orgulho.

— Envergonhou-se por cá estar o teu irmão, que é uma gloria para a nossa terra. Como lhe foram dizer que o Governador Civil e o General o veem visitar, porque todos o conhecem e sabem o que é considerado em Lisboa, onde não tardará a entrar como lente na Escola, e já ganha quanto quer como operador, não quiz fazer má figura.

— Ainda bem! Assim foi tão bonito! Escusa o mundo de fazer juisos... E a tua mãe não irá á igreja?!...

— Vai! Agora, que já não ha remedio, fazem bôa cara e vão todos...

— E não lhes disseste nada?!...

— Não, Laurinha! Achei melhor não perturbar este dia com uma coisa que mais tarde se fará sem escandalo. E tu tambem não disseste ao teu?...

— Tambem não! Tive tanta vergonha que pedi á mãe que não lhe dissesse nada por enquanto!... Demais a mais estando cá o mano...

— Pois é assim melhor!...

— Custa-me tanto esta separação!... Parece que o nosso martirio ainda não tem fim!... Tenho até remorso da nossa felicidade...

— Não sejas louquinha, tambem nos custava estarmos separados e agora vamos ficar juntos para sempre!...

Fernando, que passava um dos dias mais despreocupado dos ultimos anos, interrompeu-os dizendo:

— Bom, bom, agora já não precisam de se esconder e andar a falar pelos cantos. Já estão casados para todos os efeitos!...

— Perante os homens já estamos casados, mas não perante Deus e a nossa consciencia!...

— respondeu Laurinha, sorridente.

— O que Deus quer é a pureza dos nossos corações.

— Lá vens tu com as tuas ideias hereticas!... Sem os preceitos da Igreja não ha salvação.

— Isso é forte — comentou Ricardo.

—Tambem o menino já se quer fazer herege?

—Ó Laurinha, então eu sou herege?!...—riu o medico.

—Parece que o mano é um bocadinho herege, é!...

—Pois enganas-te! E para pagares o aleive tens que me dar um beijo, enquanto os podes dar sem licença.

—Esses beijos não me pertencem—respondeu Ricardo amavelmente—são sempre teus.

—Obrigado, obrigado, alma generosa!

E já rodeado das meninas, amigas de Laura, que assistiam á festa na intimidade patriarcal da bôda á antiga, Fernando foi para a varanda, onde era reclamado para uma discussão acalorada.

—Ó Snr. Doutor—dizia uma espevitada—então não acha que a *toilette* da noiva tem muita poesia?!...

—Poesia na *toilette*?... Francamente não acho; a poesia está nos sentimentos.

—Pois ahí está, o Snr. Doutor pensa como eu—disse outra, mais grave e já a passar os primeiros anos da mocidade.—Os trajos não teem nada com a alma. Quantas viuvias cobertas de crepes não teem na alma a mais pequena saudade?...

—Francamente, francamente, D. Alice, a *toilette* da noiva é até uma coisa que no seu simbolismo sentimental tem um significado muito inferior na sua materialidade...

— Como, como?...

— Ah, isso eu não lhe posso explicar assim, sem rodeios; haverá muita gente que lhe dará a chave do enigma.

Todas riam ameaçando-o de se zangarem, algumas corando do aplauso dos rapazes ás palavras do medico.

— Então foi o Snr. Doutor que meteu na cabeça da Laurinha a que não fosse vestida de noiva?...

— Eu não, minhas senhoras, declaro que não fui ouvido nesse detalhe, que me não interessa!...

— Mas a sua esposa tambem não casou...

— Mascarada?... Não, minhas senhoras. Nós casamos muito simplesmente, como quem vai fazer uma visita, sem que ninguem desse pelo caso. Mas nós é outra coisa. Os casamentos aqui tem outro cerimonial e a vida é outra.

— Mas o exemplo sempre prevaleceu...

— Eu não sei se a Laurinha sabe como se realisou o nosso casamento...

— Então não havia de saber? Os senhores lá em Lisboa cuidam que nós, as raparigas da provincia, somos umas selvagens!...

— Oh minhas senhoras, nem pensar nisso é bom! O que nós julgamos é que onde V. Ex.<sup>as</sup> estiverem está sempre o Paraizo e a Civilisação...

— Santo Deus, para onde vamos agora!... Não faça troça!...

Por especial favor do Snr. Bispo o casamento fôra marcado para a noite, sahindo de

casa sem alvoroço e entrando pela sacristia, quasi a dois passos da porta. Assim o dia foi passando alegremente com o jantar de familia, que parecia não ter fim na sucessão das comidas e dos doces, que a proficiencia e a generosidade de Mariana acumulava.

Fatigada de emoções e dum barulho a que não estava acostumada, D. Maria Tereza levantara-se da mesa enquanto os homens fumavam e discutiam animadamente e refugiou-se na sala, passando silenciosamente as contas do roزاری pelos dedos esguios e palidos, como de marfim. E de tanto passar as contas e mover os labios no cumprimento da resa obrigatoria de todos os dias, os olhos foram-se-lhe fechando e a cabeça descaiu-lhe sobre as almofadas do sofá a que se encostara.

Os cabelos todos brancos penteados em bandós muito lisos, davam-lhe ao rosto sereno na sua pele conservada fresca sem artificios, apesar dos anos e das fadigas da vida, um ar de bondade que a tornava uma destas velhinhas encantadoras pelo repouso espiritual que dão na existencia atribulada de todas.

Era tão sereno e tão profundo o seu sono de cansaço que nem a despertaram os passos de Laurinha que vinha acompanhar Ricardo até á porta.

— Olha!... Coitada da mãe, adormeceu a rezar as obrigações...

— Está fatigada, naturalmente. Já não está para estas coisas.

—Se te parece!... desde madrugada a girar... Nem sei como ela pode!

—Depois hade descansar...

—Não te demores, meu amor!...

—Não, filha, é só mudar a roupa para ir á igreja e volto num momento. Vai-te vestir tambem neste meio tempo. Olha que o Snr. Bispo deu a licença para as 10 em ponto...

—Deus queira que não haja besbellhoteiros...

—É só sahir aqui á porta e entrar logo pela da sacristia, não pode haver muitos curiosos. Ninguem sabe.

—Se vejo isto tudo terminado, ainda me hade parecer um sonho!...

—E depois é que já ninguem nos poderá separar!...—E num arrebatamento de paixão, os seus braços enlaçaram-se e as suas bocas uniram-se numa ânsia insatisfeita.

—Vai depressa!...—suspirou Laurinha acompanhando á escada o que perante a lei era já seu marido, mas a sua crença teimava em considerar um amor oculto e criminoso, enquanto não tivesse a benção da igreja.

—Até já—sorriu-lhe Ricardo descendo a escada alegremente num alvoroço de namorado.

Ao voltar, ainda agitado pelo momento que passara, Laurinha empurrou, sem querer, uma cadeira, o que fez acordar D. Tereza do seu sôno repousante:

—Quem está ahi?—Ah, és tu, Laurinha?

—Sou eu, mãe!...

— Olha que tolice!... Vim para aqui para socegar a cabeça e adormeci...

— Levanta-se tão cedo!...

— Não é isso! A minha cabeça já não está para barafundas. Tomara isto tudo passado!...

— E eu ainda mais!...

— Já não era sem tempo, não! Este casamento tirou-me anos de vida. Felizmente que a Mariana não pensa em tal!...

— Quem sabe?! Às vezes quando menos se espera...

— Nem digas isso. Estou farta de casamentos até aos olhos; este encheu-me as medidas de paciência!...

— Lá veem as recriminações!...

— Pois já se vê!... Se tu tivesses ouvido os conselhos e seguido os exemplos que te demos, outro galo te cantara.

— Ó mãe, nem hoje me deixarão em paz com os sermões do costume?

— Se os tivesses ouvido antes!... Filhas, filhas!... Só por castigo Deus as manda a uma pobre mãe!

— Isso até brada aos céus, mãe! Que se queixe de mim, vá! dou-lhe razão, apesar de também ter desculpa, mas que diga isso da Mariana, que é a providencia desta casa e foi sempre o seu braço direito, até nem parece duma senhora religiosa, como é!...

— Tens razão, tens razão! Mas a Mariana

nem a tenho como filha; desde pequena que é uma senhora de juízo!...

— E eu não sou, não é verdade?!... Também é deitarem-me muito ao desprezo!... Para castigo já tenho bastante.

Num arremesso sahiu correndo para não mostrar a Fernando, que vinha entrando por outra porta, as lagrimas que lhe borbulhavam nos olhos.

— Está aqui só, mãesinha? — disse ele, desconfiado, percebendo na perturbação de D. Maria Tereza que alguma coisa se passara.

— Estava muito cansada e adormeci sem saber como...

— A Laurinha não sahiu agora daqui?

— Sahiu, sim.

— Parece que ia zangada...

— Raparigas de agora, não querem ouvir nada.

— Mas também, o que tinha a mãe que lhe dizer no dia de hoje?!...

— Ora, ora!... A gente sempre tem que dizer ás filhas — disse um pouco embaraçada.

— Não sei o que noto neste casamento; parece que andam desconfiados uns dos outros. Esperava encontrar uma alegria mais franca pelo entusiasmo que a Mariana mostrava nas cartas.

— Pudera não ter entusiasmo!... Se isto já parecia não ter fim!...

— Mas isto o quê?

— O namoro! O casamento parecia não

chegar nunca a realizar-se! Era mesmo castigo...

— Mas a demora não era causada pela falta de emprego do Ricardo?

— Pois era, mas agora também se pode dizer que o não tem... Com muito empenho lá conseguiu com o Dr. Lopes que lhe desse um logar na Camara. Coisa de nada, já se deixa ver, mas é para de todo não dizerem que não ganha. E com os pais ricos, e empregando estranhos na fabrica... são mesmo de má raça!...

— Ele é atadôte. Sempre assim foi, mas é bom rapaz.

— Ninguém diz menos disso. Eu tenho-lhe amizade como se fosse do nosso sangue. Olha que ele e a pobre Angela, que Deus tenha em gloria, nem parece que vieram daquela raça.

— É verdade, coitada da Angela! Só agora soube que tinda morrido.

— Coitadinha! Olha que gostava muito de ti! Tivemos um grande desgosto! Era uma verdadeira amiga das pequenas, principalmente da Mariana. Pode-se dizer que este casamento ainda se deve á sua memoria.

— Como então?!

— A Mariana tratou-a como a melhor das enfermeiras. Só vinha a casa mudar de roupa, e mais, de noite e de dia não a deixava, um instante. E se lá faltasse, logo a mandavam chamar, porque a doente não queria ver mais ninguem ao pé.

—E tinha razão, que a Mariana é uma boa enfermeira; ainda me lembra o que ela fazia quando eu estava doente.

—É até demais... Em tendo algum doente não dorme, não come, não descansa e não deixa que ninguém a ajude. A Angela só a queria ao pé da cama.

—Tuberculosa?!...

—Dizem que sim. Eu até não gostava que a Laurinha estivesse muito ao pé, porque não é forte... Que eu não acredito muito que as doenças se peguem!...

—Sim, é das ocasiões!... — respondeu o medico a rir.

—É isso mesmo. Mas á ultima hora a Angela chamou os pais e pediu-lhes para que consentissem no casamento do irmão.

—Ele já era maior ha muito tempo, escusava do consentimento.

—Ah, pois isso era, mas tu sabes lá o respeito que tem ao pai!... É mesmo um menino de cera. Nem é para o ganhar nem para o comer.

—Coitado!... Mas tambem a Laura, com o mimo com que a criaram e a educação que lhe deram não servia para outro homem. Olhe lá, mãe, e aquele Dr. Lopes o que é?! Que intenções o fazem tão intimo da casa?

—Eu não sei, filho! A mim já me quiz parecer que ele vinha com os olhos na Mariana, mas não sei nada!... Ela é muito «escalda fa-

vais», não dá confiança a ninguém. Ainda bem, para aflições chegou a outra...

— Que emprego tem?

— Eu nem sei bem, mas parece que é disso do Registo Civil e advogado.

— Se fosse bom rapaz, não seria mal para a Mariana, apesar de que gostaria mais de a ver sempre junto dos pais! Ela é a «mãe rabujenta» de toda a família, como lhe chamavamos em pequenos!...

— Também eu não tinha alegria de a ver casar. Nem posso ouvir falar em casamentos. Este já abonda...

— Mas também não se lhe pode exigir que se sacrifique dessa forma pela família. Tem direito a ter a sua própria vida.

— Será o que Deus quizer. E a tua mulher?! Tive pena que não viesse! Olha que ainda a não conhecemos, nem ás pequenas!...

— Também eu tenho pena de as não ter trazido, mas fazia lá muita falta para ir cuidando dos nossos doentes enquanto eu cá estava. Temos já muita clientela e o consultorio é muito procurado.

— Olha que nesse trabalho todo, hade fazer muita falta em casa e ás filhas...

— A mãe bem vê que a irmã dela vive conosco e tem cuidado das pequenas desde que nasceram, como se fossem suas proprias filhas. As crianças morrem por ela, nem a distinguem, no seu affecto, da mãe ou de mim. É muito bôa

rapariga e tem pela Margarida tanto amor como uma verdadeira mãe...

— Sim! O criar é que é amor!...

— E ao mesmo tempo respeita-a pela sua intelligencia e pela sua cultura. A mãe bem vê, por pouco tempo que uma dona de casa intelligente e instruida esteja em casa, vale mais do que a convivencia contínua das ignorantes e ociosas.

— Terás razão, filho, terás!... A mim sempre os cuidados da casa e a criação dos filhos me absorveram todo o tempo. E olha que me levantava ás 5 da manhã e ás vezes era meia noite ainda estava a pé. Trabalhei muito!... Mas agora os tempos são outros.

— Ó mãe não imagine que falo por si. Eu bem sei quanto tem trabalhado e quanto lhe devemos!... Mas o meio de Lisbôa é diferente, simplifica muito o trabalho caseiro, não é como aqui na provincia em que tudo passa pelas mãos das donas de casa e tem de ser feito de portas adentro!... Querida mãesinha!... — E muito carinhosamente beijava-a como outróra, quando era uma criança e no seu regaço encontrava todo o conforto e toda a paz dum amor inalteravel.

Com as lagrimas a bailarem-lhe nos olhos cansados, D. Maria Tereza sorria e afagava-o com a ternura e o carinho ingenuo com que afagara a criança de outróra:

— Olha que não poucas vezes penso em vós! Duas meninas, daqui a pouco umas senho-

ras, e a tua mulher sempre a trabalhar, sempre fóra de casa... quem as guardará?!

— Guardar aquelas joias?! daqui a pouco são elas que nos guardam a nós! São umas espertalhonas engraçadíssimas... Hade gostar delas, verá!... A Terezinha é um encanto de vivacidade e de graça!...

— É a tua preferida?

— Não! Gosto igualmente das duas, mas a Maria Francisca é toda grave, estudiosa e séria... não tem a graça da rabina pequena.

— Agora bem se guardam!... Mas depois é que é ● peor.

— A nossa opinião é que depois se guardarão a si proprias. Lá diz o ditado: «quem se não guarda por si...»

— «Não é bem guardado...» sim, mas nunca fiando! O mundo tem tantos enganos e as mulheres são tão fracas!

— Ó mãe, então uma rapariga educada com criterio e num meio escrupuloso de moral inteligente, sabendo o que é a vida e tornando-se independente pelo trabalho, precisa de ser guardada?!...

— Eu sei lá, filho, eu sei lá!... O mundo é tão mau!

— Ainda assim não é tão mau como lhe parece visto de longe. Uma mulher inteligente e altiva tem de ser fatalmente honesta, que ainda é o caminho mais facil na vida. Espero deixar as minhas filhas prontas a organisarem o seu

futuro, como nós fizemos. Se não souberem escolher o melhor caminho só terão de se queixar de si próprias!...

—Que ideias as tuas, filho! Santo Nome de Deus! Ainda bem que estou longe do mundo!... Não vos entendo, não!... Pois se uma mulher guardada á vista e fechada a sete chaves faz o que faz, o que querem vocês que façam as outras, criadas á redea solta, acamaraçadas com rapazes desconhecidos?!

—Mas que mal podem os rapazes fazer ás raparigas nas escolas?

—Eu sei lá! desmoralisa-las, namorar...

—E as meninas fechadas a sete chaves, como diz, não namoram? Isso é a lei da Natureza. Então a mãesinha não sabe que a Margarida foi minha condiscipula durante oito anos de curso e nunca fizemos coisa de que hoje nos envergonhêmos deante dos nossos filhos?!

—Ainda bem! Mas olha que foi uma sorte! Só eu tantas apoquentações tenho curtido!...

—Sem poder conter-se, limpava as lagrimas que lhe deslisavam pelo rosto palido.

—Mas porque chora? Eu não compreendo nada disto! Aqui ha misterio que não atinjo... diga o que é, mãesinha! Tudo tem remedio e eu não a quero ver triste.

—Se soubesses as nossas amarguras ha seis anos para cá?!...

—Ha seis anos?! Mas o quê? Ha seis anos foi quando me mandaram dizer que a Laura

estava doente. Lembrou-me, porque foi também quando a Margarida teve um ameaço de peritonite e por isso não vim cá.

— Logo te dissemos que não viesses... A doença era conhecida, infelizmente!

— Mas que doença? Ela parecia tão sã!

— São coisas que acontecem!... Então eu não te digo que as filhas são um castigo?!

— Mas eu ainda não percebo, mãe!

— Tão guardada como a tínhamos!... Ai, que dias de amargura, Nossa Senhora do Carmo!... A esconde-la de toda a gente, a mentirmos na sua doença... E tudo para que teu pai não soubesse! Os últimos meses e o nascimento!... Que horror!...

— Um filho?!...

— Uma filha!...

— E o pai não sabe?!...

— Ai, Deus nos livre que o soubesse, que tinha alguma apoplexia.

— Era o seu dever dizer-lho!... Os donos da casa devem saber tudo. É muito mal feito haver segredos na família.

Agitadamente o medico levantara-se e passeava pela sala.

— Só se fosse para o matar! Ainda hoje não tivemos coragem de lho dizer!...

— Mas que vergonha! Como se pode encobrir uma coisa destas! E eu tão orgulhoso da honestidade da minha casa, tão certo da honra das mulheres da minha família!... Ahi tem o

que são as taes meninas guardadas!... O Ricardo andou como um canalha abusando da vossa confiança, criado aqui como familia!...

—O rapaz chorava de arrependido, que metia dó!...

—Dó?! Dó mete vocemecê por acreditar em taes meninos!...

—Ai, Fernando, olha que ela foi bem castigada! A Mariana ralhava-lhe de dia e de noite, eu tambem lhe dizia as minhas verdades... Mas o que haviamos de fazer? Encobrirmos tudo, era o nosso dever e foi o que fizemos! Mesmo agora, ainda ele sofre bastante. Só esta coisa de não ter fato de noiva!...

—Mas que disparate é esse de fato de noiva? Já esta tarde as raparigas falaram nisso, agora a mãe faz uma tragedia duma asneira da moda... —disse desabridamente.

—Oh, filho! Era um insulto á casa de Deus! Depois sempre se vinha a saber.

Tudo temos feito para evitar escandalos e vergonhas!...

Baixava a voz em confidencia e a pouco e pouco atrahia Fernando, ainda irritado mas já interessado naquella dôr tão humana, que tocava a sua consciencia de medico, acostumado a respeitar as crises naturaes da vida.

—Se soubesses! Quando ela começou com as dores estavamos sós em casa. Era noite de natal; o pai felizmente tinha sido convidado para casa do irmão... Chovia se Deus a dava!

Só pensar nisto ainda o coração me fica frio! A Inácia foi chamar a comadre, eu e a Mariana acudiamos-lhe sem saber o que fazer! Ninguém percebeu, nem os caixeiros deram pelo que se passava! Ela também, pobre pequena! Não deu um pio!

— Ainda a lamenta?!

— Então não é para isso?! Só o que ela sofreu e tem sofrido longe da filha!...

— Longe da filha?! Então a criança vive?

— Está na ama...

— Mas porque não a apresentaram, porque não casaram aqueles idiotas?!

— Apresenta-la? Então tu querias que mostrassemos a criança chamando essa vergonha sobre toda a família?! Deus nos livrasse de tal!

— Essa leviana, essa estúpida não pensou nas consequencias do seu acto?! Que animais inconscientes!

— Ouve cá, Fernandinho, então tu não dizes que as mulheres devem fazer o que quizerem?!

— Pois claro! Mas quando tomam a responsabilidade dos actos que praticam. Veja a mãe se eu não tinha razão... Vá lá guardar meninas como passaros em gaiolas! Reveja-se no espelho dessa linda educação!...

— Ó filho, o que querias que eu fizesse mais?! Ensinei-lhe religião, dei-lhe os preceitos da moral, mandei-lhe ensinar as prendas duma menina de familia decente...

— São frescas, as tais prendas! Linda a tal

educação que deixa as meninas ingenuas á mercê do primeiro pulha que abusa da sua fraqueza! . . .

—Então, filho, é a sorte de cada um! Deus é que destina o que neste mundo temos que sofrer.

—Qual sorte nem meia sorte! Estupidez e vicio, é o que é!

—Nossa Senhora nos valha! Sempre dizes coisas! Já estou arrependida de ter falado. A Laura não teve juizo, não! Mas que culpa tivemos nós? Fizemos todos os sacrificios por vos darmos uma posição mais bonita do que a nossa . . . A Mariana é uma rapariga que é respeitada e gabada em toda a parte, tu és a nossa honra, só aquela teve uma falta . . . Mas graças a Deus, que quem devia, pagou! Anda cá, Fernando, não te agonies. As palavras veem umas atrás das outras . . . bem arrependida estou de ter desabafado! . . .

—Pobre mãe! . . .—E rodeando-a com os braços, beijou-a com uma grande ternura comprehensiva.

—Que pode a mãe comprehender das ideias, dos sentimentos e da vida que nós levamos hoje, se a sua educação foi outra?!

—Nenhuma, filho, nenhuma! A tua avó Francisca era uma senhora muito austera. O que queria era que trabalhassemos em casa e poucas letras! . . . Não sei se tinha razão!

Fernando sorria.

— A avó Francisca não soube?!...

— Credo! Quem se havia de aguentar?! Já estava muito velhinha e tudo se lhe encobriu. Uma menina criada com tanta estimação, com tanto mimo!...

— E porque lhe deram esse mimo? Porque não fizeram dela uma mulher de trabalho e de razão como a mãe e como a Mariana?!

— Eu sim!... Sou para aqui uma ignorante.

— Fizeram uma idiota sem valor nenhum.

— Não digas isso! É uma menina muito prendada, não é para grandes trabalhos, mas faz bôa figura numa sala.

— Em vez duma mulher consciente arranjaram uma bonéca, uma egoista...

— Era a mais novinha. Foi sempre fraca e doente... A Mariana era a primeira que a não deixava fazer os serviços pesados da casa.

— Está a ver-se o resultado!... Mas então porque não aceitaram a criança e não a trouxeram para casa? São faltas sobre faltas!

— Isso era impossível, era um escandalo, uma vergonha!...

— Vergonha, vergonha!... Preconceitos e hipocrisias. A vergonha é o facto ilegal, perante a sociedade, as consequencias são o seu justo castigo.

— Falas bem, Fernando! Mas se ao chegares agora aqui encontrasses a criança não havias de gostar, confessa!...

Recolhendo-se um momento, como quem fala contrariado contra a sua própria consciencia, o medico murmurou:

— Tem razão, mãe! Os preconceitos são superiores á razão! Avalio que me seria muito doloroso esse facto, pelo muito que esta revelação me faz sofrer!...

— O que é isto? — perguntava Mariana entrando na sala. — Andavamos á tua procura, Fernando! Estão todos á tua espera para irmos á igreja...

— Vim encontrar aqui a mãe e estivemos conversando.

— A mãe não vai á igreja; pode conversar á vontade, agora tu é que tens que ir, és o padrinho.

— Mariana, ela tinha tanto que me contar!... Pobre mãe! Pobre tambem de ti, que a criaste como filha!...

Muito palida, quasi sufocada, murmurou:

— A mãe disse?!...

— Disse! Sem querer! Mas tu achas justo que a filha não seja hoje batisada?!

— Depois, Fernando! Era um escandalo para a familia! Não a esquecemos. Quando isto estiver passado vem, sem ninguem dar por isso!... Não queriamos envergonhar os nossos!...

#### IV

Toda a tarde a chuva cahira, ora em bategas fortes de arrastar as pedras e levar as raizes, ora em nevoeiro pesado que empapava a terra e fazia escorrer as paredes desguarnecidas da casa pobre dos Moisés.

Na lareira espaçosa e enegrecida pelas fumaradas da lenha verde, que durante o inverno não cessara de arder na chaminé, o velho alongava as pernas para o lume e tirava os pés sem meias dos tamancos para melhor os aquecer.

De quando em quando, dum cangirão que tinha ao lado tomava uma golada de vinho e passava-o ao filho mais velho que limpava os beiços á costa da mão e enrolava nos dedos grossos o cigarro bem atochado de tabaco, mostrando com desvanecimento a corrente de oiro e o anel de cobra que lhe dava o ar janota do aldeão endomingado.

Junto da mesa, sob a luz fumarenta do lampeão de petroleo, que punha sombras de fantasmas na vasta cosinha, Pedro, o mais pequeno da familia, esforçava-se a fazer uma escrita sobre o papel almasso de duas linhas, em que os

riscos e as letras seguiam como soldados em campo de batalha.

— Isto é que foi um dia de chuva!... Nem um bocadinho estiou!... — dizia o pai.

— Na cidade parece que estava tudo morto... Não se via viv'alma pelas ruas!

— Mas tu falaste-lhe?!...

— Pudera não!... Não fui lá para outra coisa.

— Deste a razão á égua?!...

— Mal fôra não dar!... Os bichos trabalham pela bôca. Vinha encharcadinha, coitada!

— Olha se apanha alguma dôr!...

— Dei-lhe uma esfregação mestra e cobri-a com a manta da cama!...

No silencio que caía pesado como se tivesse consistencia material, só se ouvia o ranger esforçado da caneta que o pequeno segurava entre os dedos, como quem leva um bordão.

— A mãe não virá dar a ceia á gente?... — tornou o Manuel bocejando.

— Sei lá!... Em a pequena tendo qualquer macacôa já não quer saber de mais nada!...

— Ó Pedro, chama-a lá!... Também é demais!...

— Se a pequena morresse logo se via. Parece que lhe tem mais amor do que aos filhos!...

— Deixa-a!... Bem basta a sua pena! Eu tiro a ceia... — e arrumando os apetrechos da escrita numa prateleira, o pequeno poz a mêsã e

destapando a panela de ferro com três pés que servia ao lume, com a concha também de ferro foi deitando o caldo nas tigelas, meadas de brôa.

— A mãe não tem olhos nem cuidados senão para a *megengra*... — E muito alto, dirigindo-se para a alcova, separada por uma cortina de ramagem:

— Ó mãe, a ceia já está na mēsa!...

Entrando pé ante pé, Deolinda ralhou, aflita:

— Não sejas bruto, homem! Com esses berros acordas a menina que parece agora mais socegada... Em vez de estares ahí sem fazer nada, vai mas é chamar o medico, que não fico socegada sem isso!...

— Vai agora o rapaz por uma noite destas chamar o medico!... Tu não estás bôa de cabeça, mulher! Amanhã também é dia!...

— Amanhã, amanhã!... Amanhã talvez seja tarde. Tem o corpinho a arder. Hade ser hoje!

— Mas a mãe não vê que não cessa de chover?! Vá agora uma pessoa apanhar uma molha por causa da princeza!... — respondeu Manuel rudemente.

— Eu vou num instante á cidade, mãe!...

— aprontou-se o pequeno.

— Não! Tu sozinho não podes ir pela estrada fóra numa noite destas; hade ir os dois...

— Não tenho mêdo. Quando levo as ovelhas para a serra também não tenho mêdo e sentem-se os lobos a uivar; aqui são dois passos. Na volta do caminho já se vêem as luzes...

— Não, não! Hãode ir os dois.

— Pois está visto! Hãode ir os criados para servir a senhora princeza.

Desesperada, Deolinda veio ao filho com arremesso:

— Não me estejas a cegar, rapaz! Aqui não ha princezas nem princezes... Todos são filhos.

— Isso é modo de dizer... Filhos somos nós. Vocemecê imagina que eu sou parvo?!

— Que tu és parvo?... Não percebo o que queres dizer. O que me parece é que estás doido!... Tu não ouves isto, homem?

E dirigia-se irritada, mal disfarçando o sobresalto, para o marido, que encolheu os hombros com uns monosílabos ininteligíveis.

— A mãe é que nos quer fazer parvos!... Lembra-me muito bem, já não era tão criança como isso... Era assim como o Pedro é agora...

— Mas lembras-te do quê?!...

— Lembro-me, sim senhora! Olhe, tambem chovia como agora... A mãe estava até muito mal dêz que morrera a nossa Rosairinha. Tantas noites passara sem dormir e tanto chorou, tanto chorou, que cahiu na cama... Nem deu por nada, quando o pai e eu a levamos a enterrar, com o atestado do Snr. Regedor...

— Coitado! Deus o tenha em descanso! — murmurou o velho. — Era um bom copo e um bom amigo!...

— Calem-se para ahi, seus mentirosos! —

Ansiada, a Deolinda mexia-se no arranjo da casa para encobrir a agonia em que estava.

— Mentirosos, nada! Eu cá lembro-me como se fosse hoje: Olhe o pai estava naquele mesmo logar a fumar. A mãe não fazia senão gemer e chorar. O Pedro chorava baixinho na alcova e eu cá nem podia pregar olho...

— A Rosairinha finara-se para ahi em estre-meções que metia dó...

— Tambem tu?! — gritou a mulher para o velho, que se calou logo, porque a Deolinda era a verdadeira autoridade dentro da familia.

— Nisto bateram á porta... O pai foi abrir. Eu bem vi uma senhora com um embrulho. Depois mandaram-me para o sotão!...

— Alma danada! Que estás tu para ahi a alanzoar?! Mentiras, mentiras!

— Ah, que eu não fiquei lá de cima a espreitar!...

— Grande diabo! Já então mostravas ser o malandrão que te fizeste.

Rindo alto, o rapaz continuou nos intervalos do caldo com que atafolhava a bôca. — Não me comem por tolo, não senhora! Vai o pai e a tal senhora falaram, falaram e depois desembrulharam uma criança e levaram-na á mãe...

— Tu sonhaste isso, rapaz!... Então queres dizer que a nossa Rosairinha morreu e esta é uma estranha. Deixa-me cá rir... — Esforçando-se por soltar uma gargalhada, dobrou-se sobre a lareira a compor o lume.

— Não queira agora intrujar-me!... O pai já disse que era verdade.

— Tu disseste, estafermo?! — fez ela num arremesso.

— Ele perguntou-me, eu cá só disse a verdade.

— A verdade, a verdade!... — Num desespero, soluçando e limpando as lagrimas á ponta do avental. — A verdade é que ela é a minha filha. Criei-a aos meus peitos, quero-lhe mais do que á vida!...

— Isso sei eu! Quer-lhe mais que a nós!

— Cala-te, demonio! Cada qual tem o seu logar.

— Sim, mas nós somos filhos de verdade!...

— E ela tambem! Não a tive do meu ventre, mas isso que monta! deram-ma quando ainda não era nada, é a minha filha, é a minha filha, a minha Rosaria!... — E deixou-se cahir num banco a soluçar.

— Ó mãe, não chore! — veio dizer-lhe o Pedro, consolador e apiedado. — A pequena é sua, já se sabe! Quem lha havia agora de tirar...

— Só a morte, só a morte, que já me levou a outra!... Querem-ma tirar, querem, mas só se me matarem tambem.

— A mãe não pode negá-la á familia... — disse o mais velho dos rapazes, a medo, como quem quer saber sem procurar.

— Qual familia nem meia familia!... Desde que casaram veem ahí para a ver, mas a menina

foge-lhes, nem se importa com as prendas que lhe dão. Ela bem sabe quem é a sua verdadeira mãe!

— És tu, a mãe?!...

— Pudera que sou!

— Cala-te ahi, mulher, que tentas a Deus! Negar uma filha a sua mãe, é mesmo pecado!...

— Mãe?! Então é lá mãe uma desavergonhada que á nascença põe um anjinho longe de si... E por uma noite daquelas!... Uma noite santa de Natal!

— Não sei cá disso! É filha deles e tu és a ama que a criaste...

— Tu imaginas que sou alguma vaca para dar o meu leite por obrigação?! — respondeu com violencia.

— Recebeste dinheiro para a criação. Nunca te faltou roupa nem nada que era preciso.

— Dinheiro para a criação?! — E levantou-se com furia. — Tu cuidas que sou alguma burra que se aluga? Cuidavas que eu criava a criança pelo dinheiro, meu surrelfa!... Isso já eu sabia! Mas não, não! O que me deram está guardado, o que gastou foi do meu trabalho! É a minha filha, a minha filha!...

— Tens o dinheiro guardado?! — Ante aquella certeza que despertava todos os seus instintos de avareza, o homem levantou-se cambaleando para a mulher: — Guardaste o dinheiro? Tens o dinheiro?!... Hás-de dá-lo para a belga, não estou para pagar juros... Ouviste?

— Vai-te deitar, borrachão! E levantando-se empurrou-o com raiva. — Deram o dinheiro para criar a menina, não o gastei porque não quiz, é o dote que há-de ter!...

— Pois é! — gritou o Manuel, vindo em apoio do pai. — A mãe tem roubado os seus filhos pela estranha! Há-de ter o dinheiro guardado e há-de deixar-me ir para soldado!...

— Cala-te, bruto! Para te livrares das correias, se te calhar a sorte, ainda tenho o meu cordão e as arrecadas, que não devem nada a ninguém!... Ganhei-as com o meu suor em casa dos meus patrões de Lisboa!... Prouvera a Deus que eu nunca de lá viesse!... — E afundou-se, miseravel, num redobramento de lagrimas.

— O melhor fôra que por lá tivesses ficado, tambem digo! Escusavas de me fazeres a vida negra com as tuas fiducias!...

— E vim eu de casa de meus patrões, que me estimavam tanto para me afogar com este bruto!...

— Não quero cá saber de cantigas, hás-de dar o dinheiro para a belga!

— Ó mãe — veio chamá-la baixinho o Pedro, que fora escutar á alcova. — A menina está a chorar.

E enquanto a ama corria para junto da criança, o pae batia no hombro do Manuel e dizia-lhe:

— Descansa, rapaz!... Ela há-de dar tudo que lá tem!... Era o que faltava não dar!...

— Sei lá!... Se a pequena morre! Melhor era ir chamar o medico!...

— Tu não os preveniste?...

— Eu fui, lá onde o pai disse, mas a par-teira já morreu.

— E então?!...

— Depois mandaram-me falar com uma se-nhora... Era aquela que o outro dia ahi esteve... Poz-se logo a chorar quando lhe disse que a me-nina estava doente... Tratou-me muito bem, deu-me um copo de vinho e disse: obrigada e até logo!...

— Olha se a mãe sabe?!... — Observou, aflito, o Pedro.

— Só se tu lho disseres...

— Eu cá não digo nada, mas coitadinha!... Se lhe tiram a pequena morre para ahi de pasmo!

— Agora morre!... Então nós não somos filhos?!...

— Ela sempre dará o dinheiro para a belga?...

— Para comprar a sorte, é que eu quero.

Quando ia já a sahir para voltar á cidade, Deolinda vinha da alcôva torcendo as mãos, aflita:

— Valha-me Nossa Senhora! Tem o corpinho a arder e tem uma peira!... Tu onde vais, Manuel?

— Vou á vila chamar o medico.

— Sempre vais? Deus te pague! Olha, não vás assim, leva a manta do pai. E o Pedro?

— Eu nem o vi sahir, se calhar foi para o estabulo dormir com as ovelhas! . . . — respondeu o Filipe Mousão com o seu ar resignado de borracho.

— E tu que fazes ahi de pé, que pareces uma avantesma? Vai-te deitar para a cama, se tens sôno . . . Amaldiçoado seja o vinho, que tão outro te fez do que já foste.

— O vinho é o sangue de Nosso Senhor . . . — gaguejou ele com voz rouca. — Ele é que dá vida a uma pessoa. Ainda hontem o Miguel Calceteiro cantava assim na taberna: «Se ele é o sangue de Cristo, bem haja quem o matou! . . .»

— Cala-te ahi, borrachão de campanha! Mal haja a hora minguada em que me prendi a este estafermo! . . .

— Ó Deolinda, mas olha que eu era um rapaz perfeito e tu estavas mesmo embeijada cá pelo méco . . . — Num sorriso estúpido tentava abraçá-la.

— Tira-te lá, que eu nem te posso enxergar! . . . — Empurrando-o para o fundo da casa, repetia: — Vai-te deitar, vai-te deitar! . . .

Impaciente, aflita, ia ver a pequenina ao quarto, aconchegava-a, falava-lhe carinhosamente, voltava a atear a fogueira . . . De repente, como quem se apegava a uma grande esperança, foi a um armario buscar uma vela benta, espetou-a numa garrafa e acendeu-a deante do quadro com a imagem da Senhora do Desterro! . . . — Salvai-a, salvai-a, minha Nossa Senhora! A morte que lhe destinais venha para mim antes! . . . — E

deitou-se de joelhos a murmurar orações, que tinham uma força cabalística no silencio e nas sombras da noite horrivel.

— Mãe — dizia o Pedro dahi a pedaço, abrindo a porta. — Ele não tarda ahi!

— Ele quem?! — perguntou sobressaltada.

— O Snr. Doutor!

— Hi, como vens encharcado, rapaz!... Tu é que lá foste?

— Pois quem havia de ir?...

— O Manuel tambem foi...

— Eu cá não sei! Meti pela azinhaga da fonte e num pulo me lá puz.

— Vem aqui para o pé do lume, coitado!... Tu que medico chamaste?

— Eu cá não sei quem ele é. Perguntei a um policia e depois ele disse-me: Olha, ali na farmacia estava mesmo agora o Snr. Dr. Gama. Só se fôr ele que lá vá... Como é cá da terra e está a gosar as férias tem dó da pobreza. Os outros não me cheira que se mexam com uma noite destas para ver pobres!...

— Dr. Fernando da Gama?!...

— Sim, mãe, parece que era a sua graça. É muito agradavel; disse-me assim: «Olha, pequeno, se\*queres esperar espera por mim senão vai prevenir a mãe que eu vou levar já o que é preciso para a doentinha». E esteve-me a perguntar muito o que ela tinha...

— Ó Pedro, tu não digas nada ao pai, nem ao Manuel!...

— A'gora digo!... Mas o quê?!...

— Esse é o tio da menina!... — E apalpan-do-lhe as mãos, cuidadosa: — Estás tão frio! Vou aquecer uma gotinha de chá de ontem.

— Deixe lá, mãe! A chuva não me faz mossa. Tenho apanhado tanta pela serra! O que é preciso é que o medico salve a menina, o resto!... Olhe, lá vem ele, senti parar um carro!...

Correu para fora escancarando a porta, que dava na noite tempestuosa uma nota viva de luz.

— Snr. Doutor, é mesmo Nossa Senhora que o traz! — dizia Deolinda comovidamente, recebendo o medico a quem o rapaz conduzia com muitas deferencias.

— A minha filhinha está muito doente!...

— Não há-de ser nada! Não se aflija!...

— Coitadinha!... Desde hontem a arder em febre, com vomitos... Não leva nada, agora nem agua, parece que não pode engulir.

— Vamos lá ver isso!...

— Acende ahi o candeeiro, Pedro!

Tomando da mão do pequeno o candieiro que ele acendera cuidadosamente, fez entrar o medico no quarto, onde a criança gemia ardendo em febre no meio da cama em que a mãe a a deitara.

O Dr. Fernando da Gama, conforme combi-nara, e impusera mesmo a Mariana e aos pais, logo após o casamento de Laura fora-se embora levando na sua companhia a irmã mais velha. Passado um mês voltara ela com as duas sobri-

nhas, que se sentiam na sua companhia como se desde a primeira hora a tivessem a seu lado, numa camaradagem que as tornava felicissimas. Habitadas rapidamente aos usos e costumes da velha casa, as crianças entravam na familia por todos os laços da vida exterior e interior. Mariana já não pensava senão nas duas alminhas que se entregavam confiadamente á sua ternura maternal.

Mal chegara o mês de ferias que todos os anos se davam, defendendo-se heroicamente dos clientes, Fernando e Margarida tinham vindo tambem a juntar-se ás pequenas e a passar uns dias, que o seu bom coração não lhes permitia que fossem de completo alheamento das dores alheias. Apesar de todos os seus propositos e protestos nem ele nem Margarida tinham coragem de se negar aos pobres que os solicitavam, abusando da sua bondade e desinteresse.

Assim, ante a aflicção de Pedro não teve coragem de negar-se suspeitando do perigo, pelas palavras entrecortadas do pequeno.

Mal o doutor entrara para o quarto da doente, o motor dum automovel resfolgou fóra e a porta da rua, abrindo-se de repelão, deu entrada ao Manuel Moisés, que era seguido de Laura, Ricardo e da cunhada, um pouco aterrada pelo aspecto barbaro da quadra, mal iluminada e fumarenta.

— A minha filha? Onde está a minha filha?!... — gritou Laura nervosamente, dirigindo-se ao pequeno, que os olhava espantado.

— A minha filha, a menina que a tua mãe criou?!...

— Nós cá só temos a nossa Rosairinha, mas está doente.

— É essa mesma!... É a minha filha, onde a esconderam?!...

— Socega, Laurinha, não te amofines que ninguém te rouba a tua filha! — dizia Ricardo, tentando serena-la.

— Querem fazer como o outro dia, que nem ma deixaram beijar!...

— Ó mãe — chamou Pedro para a alcova, enquanto o irmão se punha atrás de todos, um pouco apavorado pela scena que via a desenharse e que a sua traição provocara.

— O que é isto aqui? — veio dizer Deolinda sahindo do quarto. — Que barulho é este? O que é que a senhora quer?!...

— Quero a minha filha, ama! Dê-me a minha filha!...

— A senhora não tem cá filha nenhuma. A minha é que está ali a morrer!...

— Meu Deus!... Quero vê-la, quero vê-la!... Margarida, pelo amor de Deus, salva-a!...

E dirigia-se para a porta, defendida pela ama corajosamente.

— Ó senhora Deolinda, tenha dó desta pobre mãe — conciliava Ricardo — então a senhora quer negar que a filha seja nossa?!...

— Já disse, não quero saber de historias, a filha é minha, é minha, é minha!... — E batia

violentamente com o punho fechado no peito. — Criei-a aos meus peitos, dei-lhe o meu sangue e o meu amor!...

— É minha filha, é minha filha!... — gemia Laura numa grande excitação.

— Sua filha?! Então é mãe aquela que abandona os filhos ou a que os cria e agasalha?...

— Ó senhora, isto é demais!... Então vocemecê não recebeu a criança como ama para a criar e não lhe vinha todos os meses a soldada e o fato, os remedios e tudo mais?!... — protestava Ricardo.

— Ah, o senhor imaginava que me alugava como quem aluga uma cabra?!... O dinheiro ninguem lhe tocou. É dela, é o seu dote. Estão muito enganados. A filha é minha, é minha, é minha!... Só Deus ma pode tirar se a chamar para a sua gloria!... Meu anjinho!...

E ante a evocação da morte toda a irritação se fundiu em lagrimas.

— Ó ama, a minha filha está doente!... deixe-me ir beija-la, só beija-la um momento!...

— Qual filha, nem meia filha! Se lhe queria tanto não a abandonasse! — Agora que a vê criada é que a quer?... Pois nem que venha cá o juís e os seus escrivães!... Se Deus ma melhorar fujo por esse mundo fora!... Meu anjinho!... Só a mim é que ela quer.

— Ama!... Pelo amor de Deus tenha dó de mim!... — Soluçava a mãe, aflita. — Ao menos

vê-la! Está muito doente, esta senhora é medica, vai trata-la!... Não ma deixe morrer!...

— Não está doente nada. — Ergueu-se num repelão feroz. — Está a dormir!...

— Está doente, sim!... Eu bem sei que está doente! disse-mo aquele rapaz que nos foi prevenir!...

— Ah, malandro!... — voltou-se Deolinda, violenta, crescendo para o filho, que se escondia atraz de Ricardo: — Atraiçoaste a tua mãe, escomungado! Pois hasde levar as correias ás costas!...

— Pelo amor de Deus, ama!... deixe-me ver a minha filha!...

No alvoroço que a scena violenta ia provocando o Filipe Moisés appareceu á porta do quarto, enquanto da alcova vinha o medico, que sem mostrar surpresa disse com a sua voz de autoridade:

— O que é isto aqui?!...

— Fernando, Fernando!... dá-me a minha filha! — gritou Laura numa crise tragica de desespero. — A ama não ma quer deixar ver!...

— Primeiro temos que a salvar da morte! — E muito calmo para a mulher: — Ainda bem que vieste, Margarida! É preciso dar-lhe já, já, uma injeccão de souro!

— Trouxeste?

— Trouxe do nosso, logo vi do que se tratava pelo recado que me deram.

Ante a fatalidade que pesava como chumbo,

todos se calaram e os dois medicos entraram no quarto, enquanto Laura chorava perdidamente e Deolinda, olhando-a com desdem, ia atraz dos medicos que tentavam salvar-lhe a filha.

Filipe Moisão e Manuel chamavam Ricardo para o fundo e falavam animadamente.

O Dr. Anibal Lopes era o advogado de mais fama e mais clientela da cidade. Sem ser já uma criança viera logo no principio de vigorar a lei do registo civil e com o seu bom ar calmo e o seu sorriso conciliador conseguira entrar na sociedade e harmonisar todas as opiniões sem levantar atritos com a igreja nem com os livres pensadores, que defendiam a lei da separação como quem defende a fortuna dos filhos.

Embora desconfiando que se pudesse ser bom defensor das leis e viver sem lutar com os padres e com as consciencias religiosas, iam aceitando os factos em que dia a dia o advogado e conservador se afirmava uma pessoa de completo equilibrio, escudando-se na lei para uns, firmando-se na justiça para outros, conseguindo um equilibrio difficil para quem não tivesse as suas qualidades de caracter e de intelligencia, sem cambiantes violentos nem relevo forte, mas tambem sem defeitos que chocassem as opiniões.

Nesse dia, sentado á secretária do seu escritorio particular, trabalhava sem perder o fio do serviço importante que realisava num processo urgente, quando Ricardo, mesmo sem se anun-

ciar, entrou, na amizade íntima que os ligava.

— Como estás, Anibal, não ha quem te veja!...

— Tenho tido muito trabalho. Agora com o fim das ferias quero ter tudo pronto a entrar na forja!... E tu como passas? Que bom vento te trouxe?...

— Vais-te admirar, mas é a pura verdade, venho procurar o advogado e não o amigo.

— Questão importante pela prôa?!... Agora, desde que te fizeste homem de negocios até já tens o luxo de ter questões!... Tu, o nosso Frei João sem cuidados!...

— Deixa-me cá! Toda a vida heide ter saudades daqueles nossos bons tempos despreocupados e alegres!...

— Arvorado em socio da casa estás feito homem serio e de pêso, até já tens o luxo de fazer questão.

— Não te rias da desgraça. Eu venho pedir-te um favor e um conselho.

— Está bem!... Ambos se fazem e se dão a um amigo. Agora, o serem bons ou maus, isso é que depende!... Assenta-te e vai dizendo enquanto acabo uma replica que é da maior urgencia.

— Não tenho pressa... — procurando uma cadeira assentou-se, dizendo pouco depois: — Sabes que nos casámos, a Laura e eu...

— Olha que novidade! Se vens cá só para dizeres isso!...

— Tem paciência, escuta ! Bem sei que sabes, foste tu mesmo que nos registraste . . .

— E assisti á benção da igreja, juro que não faltou nenhum matador ao vosso sacrificio.

— Está visto ! Mas ha uma coisa . . . Talvez tenhas ouvido dizer . . .

— Francamente, teem-me chegado varios rumores da má lingua indigena aos ouvidos, mas como não são contas do meu rosario não ligo importancia ao que se diz.

— Como sabes os meus pais não queriam o nosso casamento.

— Sim, isso sei eu. Já mo disseste, porque a tua mulher não tinha dote.

— Tinham aquella mania de juntar na minha posse toda a fortuna do tio Cipriano e por isso teimavam em querer que me casasse com a minha prima Alda.

— Bom serviço te queriam fazer ! . . . Com aquella mulher ias parar perto ! . . . É uma serigaita que não vale dois caracois.

— Agora já concordam em que não era mulher para mim, desde que desandou a fazer cabrises e até a querer casar com o filho do Pinquinhas, só porque sabe cantar o fado . . .

— Olha lá, mas como se deu aquella reviravolta dos teus pais ? ! Dum momento para o outro deram o consentimento para te casares e agora a D. Laura está nas suas melhores graças, parece !

— Não sabes ? ! Lá em casa quem é senhor

absoluto é o pai; ora ele tinha uma predilecção especial pela minha irmã Angela. Ela — coitadinha! — antes de morrer pediu-lhe que deixasse fazer o casamento. Ele prometeu e cumpriu.

— És um rapaz tão feliz que até os mortos te fazem bem! A tua irmã, não contente de te deixar herdeiro unico duma das melhores fortunas da terra ainda te fez o marido da mais galante rapariga dos sitios! . . .

— Coitada da minha pobre irmã! Era muito nossa amiga, era! . . . Especialmente da Mariana, que foi incansavel na sua doença e na sua morte! . . . Ninguem faria o que ela fez! O meu pai ficou-lhe tão agradecido, que mesmo que a Angela não tivesse pedido, estou certo que só pela Mariana consentia no nosso casamento.

O Dr. Lopes colocando a caneta no tinteiro, depois dos ultimos rabiscos do nome, disse melancolicamente:

— Aquela tua cunhada é uma mulher de valor! . . .

— Isso é!

— As suas qualidades são o melhor dos dotes!

— É bem verdade isso! É uma criatura admiravel.

— Não quero com isto ofender-te nem depreciar a D. Laura, mas não compreendo como tu a não escolheste primeiro! . . .

— Ah, isso não! A Laura é outra coisa! A Mariana tem tanto merecimento que até me faz ver-

gonha. Eu podia lá olhar para ela como minha mulher!... Tenho-lhe respeito, palavra! Ora a gente para casar não gosta duma pessoa de quem não tenha a certeza que é o superior... Não achas?

— Sim, talvez, não sei!... Como nunca fui casado não posso dizer nada. Mas afigura-se-me que entre marido e mulher deve haver sempre respeito mutuo.

— Não!... Nós sempre somos os senhores! E uma mulher que tenha muito merecimento não se sujeita ás nossas ordens.

Sorrindo vagamente ironico, o advogado commentou:

— De facto tenho observado que as mulheres casam mais depressa na razão inversa das suas qualidades morais e intellectuais... As mulheres de valor parece que metem medo aos homens. As que apparecem casadas é porque se revelaram depois. É a maior prova que o nosso sexo dá da sua inferioridade... Isto não quer dizer que a D. Laura não seja uma senhora de muito valor...

— Ah, podes dizer á vontade. A Laura cá para mim tem muito valor porque é bôasinha e sujeita-se a tudo quanto eu mando. Para trabalhos não presta, nem eu preciso. Quero mulher para andar bonita e para me agradar. Agora tu é outra coisa. A Mariana é que estava mesmo a calhar um casamento apropriado para ti!...

— Não, para mim não!... Em primeiro lugar não me liga nenhuma importancia, trata-me com

tanta simplicidade que não dá margem a galanteios, depois eu já não estou em idade de casar.

— Que ideia!...

— Pois claro! Estas coisas querem-se feitas com tempo. Nem chegava a ver os filhos criados nem a poder educa-los. Olha já entrei, francamente, na casa dos cinquenta.

— Ora! Quantos tenho visto casar da tua idade e ainda verem netos.

— Excepções!...

— Ainda me hei de meter nisso; vocês estão mesmo a calhar um para o outro...

— Mas não foi para tratar do meu casamento e dos futuros filhos que vinhas, pois não?! — acrescentou rindo.

— Pois era mesmo a proposito de filhos que vim consultar-te...

— Parece que te enganaste na porta, devias antes procurar os teus cunhados!...

— Bom, agora é muito a sério. É que nós temos uma filha...

— Já?!

— Tem seis anos e meio!...

— Oh diabo!... Então porque não a perfilharam com o casamento?!... Era o logico e o simples!...

— Isso parece-te a ti e ao meu cunhado e a todos que estão de fóra, mas nem a Laura nem eu tivemos coragem de encarar de frente o escandalo.

— Então agora?!...

—Quando o meu pai me chamou e me disse que lhe constava que o nome da Laura andava nas bôcas do mundo e para cumprir a promessa feita á minha irmã, queria que a despozasse immediatamente... Eu devia logo ter-lhe dito a verdade, mas fiquei de tal modo perturbado e satisfeito que só o que quiz foi ir participar á Laura... até tinha medo que o velhote ainda reconsiderasse!... Ela tambem teve medo do pai e do irmão e combinámos arranjar tudo depois de casados...

—Agora é que eu percebo certas coisas que me disseram!...

—Pois é, nunca se tapam as bôcas ao mundo por mais que se faça.

—É deixa-lo falar e seguir a direito... «Os cães ladram e a caravana passa».

—Mas nós sempre com receio de ditos, de vergonhas... Ficámos assim. Agora já não se pode voltar atraz.

—Foi um desastre!... Andaste mal em abusar da confiança da familia e da inocencia duma menina...

—Sim, andei mal! Bastante me tenho arrependido e sofrido; mas a Laura já não era tão menina como isso! Tinha 19 anos!...

—E o que sabe uma mulher sem experiencia da vida aos 19 anos?... Nem nós nessa idade pesamos bem as responsabilidades que nos cabem quanto mais elas, criadas como flores de estufa...

— Isso é verdade, mas o mal depois de feito só vale a pena lembrar-se para o remediar...

— Também é certo!

— É o motivo porque te venho consultar.

— Então dirás.

— A pequena foi criada numa ama que vive num casal no caminho da mata. Pagou-se a criação, deu-se tudo, mas enquanto fomos solteiros nunca a visitámos...

— Nem tu nem a mãe...

— A fugir das más linguas!... Nunca nos atrevêmos. Só de longe em longe é que a Inácia a ia ver e trazia notícias. Agora, quando a quizemos reclamar a ama nega-se a entrega-la, diz que é sua filha, que nós não temos nenhum direito!...

— Homem!... Isso é um caso curioso!

— Levantando-se, abriu a cigarreira, ofereceu a Ricardo, e depois de acender um cigarro, continuou:— Conta lá isso, que tem graça!

— Graça não tem mesmo nenhuma!

— Não tem, ora essa! Então nestes tempos em que todos evitam trabalhos e sacrificios não queres que ache graça a uma mulher que quer guardar a responsabilidade dum filho alheio?!... Homem, explica lá isso, que ha-de ter fatalmente graça, não digas que não!... Pelo menos é um caso extraordinario!

— Pois a explicação é esta: Quando nasceu a pequenita ninguem soube! Vestiu-se muito bem, arranjou-se o enxovalinho num saco e com

uma nota de que se iria buscar a seu tempo e se chamaria Fernanda; entregou-se á parteira para a mandar criar. A parteira, que era uma pessoa de muito expediente e de confiança, lembrou-se de que havia uma pobre mulher, que fôra em tempos criada duma familia sua conhecida de Lisbôa, muito bôa e educadinha, que tinha uma filha de dois meses a que ela assistira e que vivia no campo. Metemo-nos num carro fechado e fomos levar-lhe a nossa para que as criasse juntas. Mas a filha dela tinha morrido na vespera...

— Isso parece um romance á antiga!...

— Pois olha que é moderno e não é romance.

— Continúa.

— A mulher estava como louca de desgosto pela morte da criança e vai agarrou-se á nossa como quem se agarra a uma táboa de salvação. Ficou tudo muito bem. Todos os meses se lhe mandava a mesada e tudo quanto era preciso por intermedio da parteira e ás vezes ia a Inácia levar as coisas para trazer noticias. Assim correu tudo bem até que nós, depois de casados, lá fomos para ver e reclamar a menina. A mulher berrou, insultou a Laura e correu comnosco dizendo que a filha é dela, que nós lha não podêmos tirar!... Que não temos provas nenhuma de sermos os seus pais!...

— Bonito serviço! Então não tens documentos nenhuns, nem recibos, nem nada?!...

— Depois de muito procurarmos encon-

trou-se uma nota da parteira num livro que a família lá tinha.

— E o testemunho dela também serve!...

— Isso também nós queríamos, mas a mulher morreu.

— Oh diabo!... E essa nota?

— Está aqui. É um livro de escrita em que ela ia anotando e fazendo as suas declarações para o caso de morrer, como sucedeu.

Pegando no caderno manuscrito que o outro lhe entregava, o advogado folheou-o cuidadosamente.

— Não é grande coisa, mas hade servir, se for legalizado. É preciso saber o tabelião em que ela tinha o sinal. Estas criaturas teem sempre sinal aberto nos tabeliães pelas mil e uma trapalhadas em que andam metidas.

— Vai-se tratar já disso, a ver se conseguimos arrumar este assunto. Calculas lá o que é a minha vida! A Laurinha anda meio louca, nem faz caso de mim nem nada! Agora então, desde que a pequena esteve em perigo de vida não tem parança. Não dorme, não come, é um horror!

— Agora tem que ter paciencia e dar tempo ao tempo. Quem esperou seis anos e meio espera mais alguns meses.

— É o que eu lhe digo. Mas aquilo é já uma ideia fixa: tirar a criança á ana! Não pensa noutra coisa.

— Sim, mas isto não é bastante prova. Em que nome está baptisada?

—Pelo que já apurei do marido e do filho mais velho da ama, a pequena só foi baptisada na igreja, com a nota do registo do nascimento da outra que morreu. Por isso ela a chama Rosaria em vez de Fernanda, que nós lhe mandamos pôr.

—Lá por falta dos Santos Oleos não se perdeu. Mas então hade haver a certidão de obito da filha dela... A não ser que a enterrassem no campo.

—É verdade! Disso é que eu me não lembrei. Com certeza a enterraram legalmente, com medo á justiça.

—Vamos descobrindo terreno... Testemunhas?!...

—Ha só a Inácia, o marido da ama e o filho mais velho.

—Como conseguiste o testemunho deles?

—Foram os proprios que se vieram oferecer e descobriram tudo contra a mulher.

—Por dinheiro, já se sabe?!...

—É claro! Tivemos que os pagar caritos!...

—Bons malandros!...

—Mas o dinheiro é o menos, porque o meu pai desde que soube que tinhamos uma filha, já não descansa sem a levar para casa!... Até lhe quer pôr o nome de Angela para substituir a filha!... Não se poupa a despezas para conseguirmos este fim.

—Ainda bem!

— Como tinha muito amor á filha parece-lhe que a neta a vem substituir.

— E por quanto compraste o testemunho desses malandros?

— Ao velho promete-se o dinheiro para comprar uma belga e ao rapaz o dinheiro para ser substituido se lhe cahir a sorte.

— Bôas firmas!...

— Pois bem, mas a verdade é que a filha é nossa!...

— Sim, mas é mulher e mãe deles!

— Tu não sabes a avareza desta gente da terra!

— Sei, sei!... Estou farto deles até aos olhos. Por uma gota de agua ou um punhado de terra matam e atraçôam o proprio Deus, se cahir na asneira de cá voltar.

— Mas estas testemunhas servem ou precisamos de mais documentos?

— Sim, eu não digo que a coisa esteja muito clara, mas alguma coisa se fará. O melhor seria convencer a mulher e leva-la por bem!...

— Temos tentado tudo! Lá em casa da familia da Laura não querem que se leve o caso para a justiça e os meus cunhados esperam convencer a ama, porque andam a tratar a pequena e salvaram-na da morte... A mulher vê neles a providencia. A Mariana chora de pena pensando no amor com que a pobre criatura criou a menina e até os meus sogros teem pena dela!...

Mas a Laura apanhou-se apoiada pelos meus pais e agora não ha quem a torça.

— Então a tua mulher cahiu nas boas graças dos sogros?!...

— Vê lá tu!... Quem havia de dizer?! Eu estou bem contente, mas ás vezes até me rio! Principalmente o meu pai, tudo acha pouco para ela e não descansou enquanto não fomos viver lá para casa. Um diz mata e o outro logo enforca! Nesta questão da pequena então, não querem ouvir ninguem! O meu pai dá tudo, contanto que se tire a criança imediatamente do poder da ama. Calcula!... Com esta força quem pode ter mão na Laura!...

— Sim, estou vendo! E cada vez acho o mundo mais divertido.

— Ai, achas? Olha, eu com estas coisas acho-o maçador.

— Agora o que queres fazer?

— Para harmonizar tudo, convenci-os a que nada se fizesse sem o teu conselho. Dum lado e doutro está tudo conforme com isto; tu é que hasde levar esta questão ao fim.

— Obrigado pela confiança. As provas são poucas, mas como dum lado está o direito... e o dinheiro, que ainda vale mais, e do outro só o sentimento, naturalmente hasde vencer.

— Eu tenho ali os homens para tu lhes tomares declarações e dizeres o que hãode fazer; queres recebê-los?...

— Pois sim, manda lá entrar esses dois mariolas.

— É preciso teres cautela. Olha que eles teem muito receio da mulher... Se não fosse a ganancia do dinheiro não se metiam nesta. Ela é que é a verdadeira cabeça dirigente da casa. Se tu conseguisses convencê-la sem escandalo!...

— Vamos a ver, depois de ter as declarações dos dois já temos força para lhe falar em nome da justiça...

Enquanto Ricardo ia fóra buscar os dois Moisés, o advogado passeava ao longo do escritorio fumando concentradamente e um sorriso vincou-lhe a face, numa prega de amargurada ironia.

## VI

Deolinda sentia-se vencida. Tudo se levantava contra a unica força do seu amor pela criança, a que dera, em seis anos de cuidados, todo o carinho do coração.

Perdera o interesse pela casa, deixava correr o serviço á revelia e sem reacção nem entusiasmo, mal desempenhava mecanicamente as obrigações mais imediatas. O coração fechava-se-lhe a toda a consolação e um rancor fundo a separava do marido e do filho que a tinham vendido, traduzindo-se no mutismo absoluto a que se reduzira para eles.

Só com o pequeno, o Pedro, em que vira lealdade e carinho, o seu coração desafogava a imensa dôr de que se possuía.

Convencida com as provas esmagadoras que o Dr. Lopes lhe trouxera, ameaçando-a de vir buscar a criança por justiça se não a entregasse aos pais voluntariamente, não tivera remedio senão submeter-se.

Com a morte na alma viu a mãe apoderar-se sofregamente da pequena, como se ainda temesse que lha negassem, e levá-la para o automovel, apesar dos gritos lancinantes que soltava, esten-

dendo os braços para a ama que naquela arrancada cahira como morta.

Fernando e Margarida, auxiliados por Mariana e pelo advogado, a custo a fizeram voltar a si da sincope cardiaca que a prostrou no imenso abalo que lhe destruia todo o seu orgulho de mulher forte, que dum momento para o outro se via o escarneo da sua propria vida, atraçoada por os que até ahi lhe deviam respeito e amor.

Pedro, que assistira, grave e apavorado, á scena tragica, cahira em choro convulsivo ao ver a mãe sem sentidos, cuidando que estava morta; e na sua revolta dolorosa queixou-se amargamente do pai e do irmão que nesse dia, previamente combinado, se tinham ido a uma feira para não enfrentarem a crise, que o seu egoismo provocara.

— Senhora Deolinda — dizia Fernando, chamando-a carinhosamente, enquanto Margarida e Mariana iam prestando os cuidado que o acaso exigia: — Então! Tenha coragem! Olhe o seu filho a chorar!...

— Ninguem lhe rouba o amor da menina!... — consolava Mariana, limpando as lagrimas.

Depois de uma grande crise de choro, a pobre mulher voltou a si, cahindo naquela tristeza que os preocupava, como se sentissem um remorso por um facto de que não eram responsáveis e tão sómente alguém do seu sangue.

Depois disso, após a scena cuja lembrança os comovia, raro era o dia em que Fernando e

Margarida, ou sómente Mariana, não vinham trazer alguma consolação ao desamparo da ama, dando-lhe noticias da criança que a não esquecia, afirmavam para a consolar.

— A minha menina, a minha menina!... Agora nem já se chama Rosairinha!... É outra coisa! — gemia a pobre.

— No registo civil ficou Fernanda, que era o nome que os pais lhes destinavam pensando no tio. A senhora Deolinda não guardou o bilhete que vinha pregado ao enxoval? ... — explicava Mariana, entrando bem na bôa alma simples que a compreendia.

— Os avós da parte do pai pensavam em mudar para Angela, mas não quizeram ofender!...

— Antes esse que tem agora!... Já que me tiraram a minha Rosairinha, ao menos que tenha o nome de quem a salvou da morte. Foi milagre da Senhora do Desterro!... Tanto lhe pedi!... E para quê, para quê?!... Senhor!... Para os outros ma levarem!... Para se gosarem do amor com que a criei!...

— Ó ama, não fale assim, que Nossa Senhora fica desgostosa! Então antes a queria morta?!...

— Ai, isso não; minha rica menina!... Criei-a com tanto amor, tanto amor! E rouba-rem-ma assim!

— Mas oiça, ama, porque a não vai ver a nossa casa?! — dizia Margarida comovida, na

sua grande ternura reconhecida de mãe, por aquela devoção a uma criança estranha.

— Pois é assim! A ama vai á cidade e nós temos lá a sua menina com as nossas.

— Decerto! Estará lá o tempo que quizer.

— Ai se calhar nem já me conhece!... Tem muita coisa bonita, muita coisa bôa, que se hade importar da pobre mãe que a criou?!... Castigo de Deus, castigo de Deus, arrancarem assim um filho ao nosso coração!...

— Senhora Deolinda, tenha coragem! Pense que eles tambem são pais!... A mãe sofria muito!...

— Ai, senhor doutor, deixe que a dôr dela não hade ser como esta que me arreventa o coração!... Bem se diz ele: «O parir é dôr mas o criar é amor...» Minha filha, minha linda filha!... É como se ma tivessem matado!...

— Não diga essas coisas! A senhora Deolinda precisa mesmo de cobrar animo, de pensar no seu Pedro, coitado! Eu vinha pedir-lhe para o deixar ir conosco para Lisbôa. Quero tratar da sua educação, fazê-lo um homem util e instruido. É muito bom rapazinho, e é pena perder-se por aqui.

— Muito obrigada, muito obrigada, senhor doutor!... O senhor doutor é mesmo um santo e as senhoras umas santinhas. Se todos fossem como os senhores!...

— A senhora Deolinda não tem que nos agradecer — acrescentou Margarida — só tem que aceitar.

— Não pode tolher o futuro ao seu filho — apoiou Mariana.

— Nós resolvemos levar o seu rapaz para educar, pois bem o merece ele e vocemecê, pelo amor com que criaram a nossa sobrinha e afilhada. E como a senhora Deolinda está adoentada e precisa algum tempo de socego, acompanha o seu filho e vai viver connosco em familia. As nossas pequenas também são engraçadas e ajudarão a distrai-la da sua magua. — Convencia Margarida.

— A minha magua não tem remedio, levaram-me a alegria da minha vida!...

— Pois sim, mas em estando aborrecida e com saudades da sua casa, volta para aqui. — Apoiava Mariana.

— A minha casa?!... Eu já não tenho casa, eles que a guardem já que deram mais valor ao dinheiro do que á alma da mãe!... — murmurou com amargurado rancôr.

— Mas a senhora Deolinda não tem direito de sacrificar o seu filho Pedro, que é tão seu amigo!

— Só se fôr por causa dele — gemia a desgraçada. — É tão bonzinho, que é pena viver aqui como os brutos!...

— É claro! Assim mesmo é que deve pensar. Lembre-se que também é seu filho.

— Ó mãe, vamos! Quero estudar, quero!... Mas se vocemecê não fôr eu também não vou com os senhores!... — dizia o pequeno supli-

cando. — Eu nunca a heide deixar, mãe! Sem a mãe não saio daqui!...

— Vê? Não tem remedio. Vá, diga que sim!

— Vamos a ver, vamos a ver!... Amanhã heide juntar tudo quanto era da minha menina para levar aos senhores!... Ainda não tive coragem de o fazer!...

— Deixe lá isso! Não tem importancia. O que queremos é que se resolva a ir amanhã visitar a sua menina. Verá como ela ainda se lembra de si e lhe quer na mesma!...

— Assim Nossa Senhora os ouvisse!...

— Então vá com o Pedro, sim?

— Já podem ir para ficar, porque dentro de três dias vamos para Lisboa.

— Sim, mãe, vamos ver a Rosairinha e depois vamos com os senhores!... — suplicava o pequeno.

— Pois seja o que os senhores quizerem!...

— Então lá a esperamos, sem falta!

E mais aliviados da magua que todo aquele desgraçado incidente lhes causara, os três meteram a pé pela estrada onde os aguardava o Dr. Lopes, que tambem se interessava muito em aliviar um mal, que a sua missão de advogado ajudara a fazer.

Efectivamente, no dia seguinte, Deolinda resolvera-se a deixar a casa onde a vida se lhe tornava insuportavel.

A cada hora que passava mais fundo se lhe tornava o desamor que a separava moralmente

do marido, cada vez mais avarento, mais agarrado á terra e mais borracho, e do Manuel que não se arrependia da traição cometida, senhor do preço que o livraria de soldado e lhe facilitava a vida, podendo casar já com a namorada, cujas terras pegavam, e era moça decidida, bem do seu calhar.

Apoiada ao pequeno, que era a sua consolação, a pobre mulher, envelhecida e triste, deixara os homens sahir para o trabalho, arrumara a roupa de vestir num sacco da ramagem, que o pequeno carregava facilmente, e depois de lançar um ultimo olhar a tudo quanto deixava e fôra o seu orgulho de mulher ordeira e laboriosa, abandonou a casa e dirigiu-se á cidade em busca dos corações amigos a cujo conforto se apegava, na desesperança da sua vida tão rudemente abalada.

Quando Laura entrou com a filha para a costumada visita a casa dos pais, ficou desagradavelmente surpreendida ao ver na cosinha a pobre mulher cahindo de joelhos deante da pequena, que correu de braços abertos para junto do seu coração amigo!

— Minha filha, minha filhinha!... — soluçava Deolinda, cobrindo de beijos soffregos a criança que ria e gritava alegremente rodeando com os seus bracinhos nus o pescoço da ama:

— Mãe, mãesinha!... Não se vá mais embora!...

— Olha, filhinha, trouxe-te o folarsinho do costume . . .

— Dê, mãe, para mim e para as meninas . . .

Sorria a pequena para as primas, que assistiam inconscientemente comovidas, áquela explosão de carinho.

— Que linda estás, minha rosinha, pareces um anjinho da procissão! . . . — Olhava-a desvanecida no seu vestidinho de seda côr de rosa, as piugas curtas e os sapatinhos de pelica com saltoraso, usados com uma graça tão natural como se doutra forma não tivesse vestido desde que nasceu.

Vendo o Pedro, a criança saltou-lhe ao pescoço numa nova explosão de alegria e quiz saber do Tejo, o seu guarda fiel, das suas galinhas, das suas pombas, de tudo quanto fôra até ahi o mundo em que a sua alminha despertava para a vida.

— Isto foi uma traição que me fizeram! . . . Se soubesse não tinha vindo cá! . . . — Protestava Laura, que a irmã empurrava brandamente para a sala, onde a mãe, muito séria e comovida, a admoestava.

— Então queres roubar a criança ao amor que a criou?! Deus é justo e não deixaria sem castigo uma tal acção.

— E Deus consentiu que ela me insultasse e ludibriasse durante seis meses, negando uma filha á sua mãe?! . . .

Mordia nervosamente o lencinho de seda.

furta cores que arrancava do pulso onde o atara, num capricho da ultima moda.

—Filha, Deus perdoará aos que procedem mal, não está na nossa mão o castigar...

—Vai-me roubar outra vez o amor de minha filha!... Foje de mim para ela!...—dizia cada vez mais irritada, batendo o pé e arremessando-se sobre uma cadeira a chorar.

—Ó filha, não sejas louca! O que queres que a pobre mulher faça, agora que a criança é tua filha perante a lei, perante Deus e perante a sociedade?!...—ralhava Mariana, tambem já irritada com os caprichos da irmã, no seu alto sentimento de justiça e de equilibrio moral.

—Hade roubar-me o seu amor!

—Isso não se rouba nem-se impõe, Laura! —dizia o pai gravemente. —Conforma-te com as consequencias da tua falta e sê bôa para a reparares aos olhos de Deus!...

—O que vejo é que são todos aqui contra mim!... Parece que a minha familia já não é esta e sim aquela para onde entrei e me dá o apoio que não tenho nos meus!...—E redobrava o choro, irritadamente, num soluçar de criança contrariada.

Muito grave, com um ar de autoridade que se impunha a todos, o medico poz-lhe a mão no hombro e, sacudindo-a docemente, disse-lhe:

—O responsavel de tudo sou eu, Laura! Não quero que a nova convivencia te torne um ser odioso, comprehendes? A ama e o filho vão com-

mosco para Lisboa, já não tens que temer a concorrência; mas se queres o amor da filha que o teu egoismo e a tua inconsciência afastaram por tantos anos do teu carinho, conquista-o com a mesma ternura e desinteresse que teve a pobre mulher que lá está dentro. Até hoje, para o coração da tua filha, ela é que é a verdadeira mãe.



FIM



# LIVRARIA E IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

75, RUA DAS OLIVEIRAS, 77

PORTO

## Campos Monteiro

- Os Lusíadas anotados e parafraseados (6.º milhar), enc. . . . . 20\$500  
Versos fora de moda, 2.ª edição . . . . . 5\$500  
Musa Irónica (monólogos e contos em verso) 2.ª edição. . . . . 8\$500  
A oito dias de vista (crónicas) . . . . . 10\$500  
A Promessa (peça em 1 acto, em verso). . . . . 2\$550  
Miss Esfinge, 3.ª edição . . . . . 10\$500  
O crime duma mulher honesta, drama em 2 actos . . . . . 2\$550  
Saude e Fraternidade, sátira politica (25.º milhar). . . . . 10\$500  
Moeda corrente, crónicas e contos. (4.º milhar) . . . . . 10\$500  
Quando se amava assim, peça em 3 actos . . . . . 8\$500  
Camilo Alcoforado . . . . . 12\$500

## Colecção A. Figueirinhas

(Para as crianças)

- N.º 1 — Velhos contos gregos.  
» 2 — Três contos de Andersen.  
» 3 — Contos Escandinavos.  
» 4 — Velhos contos ingleses.  
» 5 — Contos meridionais e Fabelas de Esopo.  
» 6 — Contos de Grimm.  
» 7 — O vale magico.  
» 8 — Os serões das crianças.  
» 9 — Jack, o gigante assassino.  
» 10 — O vale magico.  
» 11 — Contos de Perrault e escandinavos.  
» 12 — Contos, por F. Mechin.  
Cada volumezinho . . . . . 3\$500  
**João Paulo Freire (Mario)**  
O livro de João Franco sobre El-Rei D. Carlos . . . . . 8\$500  
Homens do meu tempo . . . . . 10\$500

## André Brun

- Filosofia de Felix Pevide . . . . . 10\$500

## Antonio Claro

- Memorias de um Vencido. . . . . 10\$500

## Silva Tavares

- Rosario de Rimas. . . . . 12\$550  
Mais Cantigas. . . . . 10\$500  
Varões e... lustres . . . . . 10\$500

(Biblioteca das familias)

## M. Delly

- A Exilada . . . . . 10\$500

## Paul Bourget

- Coração enamorado não sabe para onde vai . . . . . 10\$500

## Etiénne Marcel

- A Avó . . . . . 10\$500

(Biblioteca Civilização)

*Colecção de pequenos romances portugueses e estrangeiros*

- N.º I — Perdão Tardio (por Campos Monteiro). . . . . 3\$500  
» II — A primeira Dulce que houve em Portugal (por Silva Tavares) . . . . . 3\$500  
» III — O Vingador (por João Grave) . . . . . 3\$500  
» IV — A verdadeira Mãe (por D. Ana de Castro Osorio) . . . . . 3\$500  
» V — O Patriota (por Rocha Martins). . . . . 3\$500

(Biblioteca Culinaria)

*dirigida por Febronta Mimoso*

- N.º I — Mais de cem maneiras de cosinhar bacalhau . . . . . 2\$550  
» II — Cem maneiras de fazer doces para chá . . . . . 2\$550